

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

AUTOR LÉO SCHÜRMANN DE AZEVEDO

TÍTULO A CASA QUE ME HABITA

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO PARA CONCLUSÃO DO CURSO DE
ARQUITETURA E URBANISMO

ORIENTADORA MARTA VIEIRA BOGÉA

SÃO PAULO, 2018

RESUMO O trabalho explora os procedimentos e ferramentas as quais com as quais o autor tem maior familiaridade ao pensar a arquitetura. Para tal é feito um resgate de um repertório sensível vivido por ele através de exercícios que se traduzem em um ensaio projetual díptico de duas casas. Destes, o primeiro trata do estudo de projetos de casas às quais nunca foram visitadas pelo autor. Em seguida é feito um resgate das memórias das diversas casas habitadas por ele e é feito primeiramente uma reflexão subjetiva destes espaços e, num segundo momento, estudos de caráter objetivo. Afinal são apresentados dois ensaios de casas - uma num lote urbano e outra em um lote rural - que buscam explicitar a “hierarquia das diversas funções do habitar” (BACHELARD, 1945, p.31) inscritas no autor. Concluindo, há uma breve autocrítica sobre o método utilizado e sobre a escolha do tema dentro do contexto da FAUUSP e da atuação profissional como Arquiteto e Urbanista.

PALAVRAS CHAVE casa; habitação; habitat; ethos; zumthor; bachelard; heidegger; fenomenologia; projeto; imaginário; desenhos; projeto; arquitetura; urbano; rural; paisagem; representação;

ABSTRACT *The thesis aim at the tools and procedures with which the author feel more familiar with when thinking the architecture. In order to achieve this the work explore through some exercises a sensible repertory lived by him and then digest them into a diptych design for two houses. The first exercise consist in studying projects of existing houses. Then the author retrieve memories from all houses he has dwelt throughout his life and make subjective remarks about those spaces; then, in a second moment, more objective studies are made concerning the architectural aspects. The third study is about the project of two house essays - one in a urban context and other in a rural - exploiting the “hierarchy of the various functions of inhabiting” (BACHELARD, 1945, p.13) inscribed within the author. After all there is a brief self-critic concerning the method used in the work minding the context of the FAUUSP and the professional practice as an architect and urban planner.*

KEYWORDS *house; dwelling; habitat; ethos; zumthor; bachelard; heidegger; phenomenology; project; imagination; free-hand-drawings; project; architecture; urban; rural; landscape; representation.*

A casa que me habita

Léo Schürmann de Azevedo

Trabalho final de graduação (TFG)
apresentado à Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade de São Paulo

Participantes da banca:

Orientadores
Marta Vieira Bogéa

Convidados:
Artur Simões Rozestraten
Fabio Mariz Gonçalves

FAU-USP
Julho de 2018

agradecimentos

O trabalho parte do reconhecimento e análise dos procedimentos, interesses, instrumentos e ferramentas com os quais mais me familiarizo ao pensar a arquitetura. Estes elementos não raramente envolvem aspectos fenomenologicamente subjetivos que não são passíveis de representação pelos códigos convencionais de representação de projetos.

O objetivo final se limita a explicitar esse raciocínio resgatando e analisando meu repertório de experiências vividas e decupando-as e sintetizando na forma de um projeto díptico de duas casas.

A escolha do uso residencial se deve à duas razões. Primeiramente pela evidente prevalência de vivências em casas em detrimento à outros tipos de espaço. Em segundo lugar pelo reconhecimento de que “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção da casa”, isto é: ao estudar os aspectos que em um primeiro momento diz respeito somente à este tipo de arquitetura, estou na verdade lidando com um campo de conhecimento amplo que pode ser replicado no raciocínio de qualquer projeto. Além disso julgo que esta escolha



“[...] só existe a beleza que se diz. Só existe a beleza se existir interlocutor. A beleza da lagoa é sempre alguém. Porque a beleza da lagoa só acontece porque a posso partilhar. Se não houver ninguém, nem a necessidade de encontrar a beleza existe nem a lagoa será bela. A beleza é sempre alguém, no sentido em que ela se concretiza apenas pela expectativa da reunião com o outro. [...] Ainda que as palavras sejam débeis. As palavras são objetos magros incapazes de conter o mundo. Usamo-las por pura ilusão. Deixámo-nos iludir assim para não perecermos de imediato conscientes da impossibilidade de comunicar e, por isso, a impossibilidade da beleza. Todas as lagoas do mundo dependem de sermos ao menos dois. Para que um veja e o outro ouça. Sem um diálogo não há beleza e não há lagoa. A esperança na humanidade, talvez por ingénua convicção, está na crença de que o indivíduo a quem se pede que ouça o faça por confiança. É o que todos almejamos. Que acreditem em nós. Dizemos algo que se toma como verdadeiro porque o dizemos simplesmente.”

-MÃE, Valter Hugo.

A Desumanização, São Paulo:

Cosac Naify, 2014

sumário

00. INTRODUÇÃO justificativa, problema, objetivo

01. CASAS IMAGINADAS

01.1 MÉTODO

01.2 PROJETOS

02. CASAS VIVIDAS

01.1 MÉTODO topoanálise

01.2 ASPECTOS - pequenos fragmentos

01.3 ANÁLISES - espaço como um todo

03. CASAS PROJETADAS

03.1 INTRODUÇÃO

03.2 A CASA URBANA

03.2 A CASA RURAL

04. CONSIDERAÇÕES FINAIS

05. BIBLIOGRAFIA



00_INTRODUÇÃO

O trabalho parte do **reconhecimento e análise dos procedimentos, interesses, instrumentos e ferramentas** com os quais mais me familiarizo ao **pensar a arquitetura**. Estes elementos não raramente envolvem aspectos fenomenologicamente subjetivos que não são passíveis de representação pelos **códigos convencionais de representação de projetos**.

O objetivo final se limita a explicitar esse raciocínio resgatando e analisando meu repertório de experiências vividas e decupando-as e sintetizando na forma de um **projeto** díptico de duas casas.

A escolha do uso residencial se deve à duas razões. Primeiramente pela evidente prevalência de vivências em casas em detrimento à outros tipos de espaço. Em segundo lugar pelo reconhecimento de que **“todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção da casa”**, isto é: ao estudar os aspectos que em um primeiro momento diz respeito somente à este tipo de arquitetura, estou na verdade lidando com um campo de conhecimento amplo que pode ser replicado no raciocínio de qualquer projeto. Além disso julgo que esta escolha contribui para a conquista da empatia do interlocutor a



medida que, por exemplo, um dos exercícios que farei aqui - que diz respeito à leitura da arquitetura - pode ser facilmente feito por qualquer pessoa uma vez que neste cenário **“não é mais em sua positividade que a casa é verdadeiramente ‘vvida’, não é só no presente que reconhecemos seus benefícios. O verdadeiro bem estar tem um passado, memória e imaginação.”**

É nesse contexto que adoto o desenho a mão livre em detrimento do digital entendendo que este último carrega em si o fim de ser preciso ao ponto de se aprimorar a exequibilidade do projeto enquanto o primeiro apresenta a liberdade necessária para o exercício proposto.

Por fim, o título do trabalho surge diante de uma reflexão quando Bachelard diz: **“[...] além das lembranças, a casa natal está inscrita em nós. Ela é um grupo de hábitos orgânicos [...] a casa natal inscreveu em nós a hierarquia das diversas funções do habitar”**. A ideia da “casa que me habita” nada mais é do que o estudo e reconhecimento destes hábitos que trago comigo e que são determinantes durante o exercício de projetar.



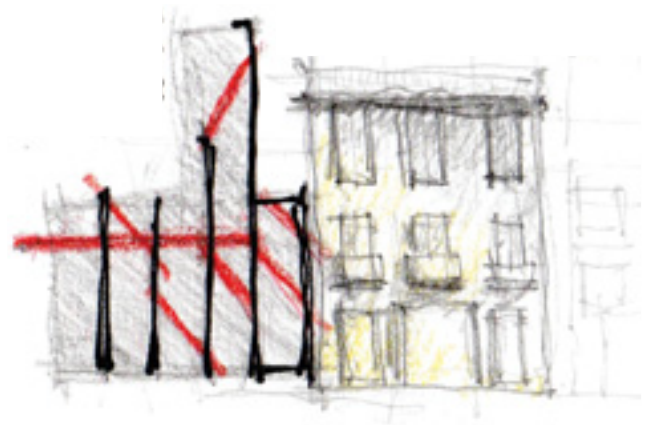
01_CASAS IMAGINADAS

Em 1951 Heidegger dá uma aula à uma turma de jovens estudantes de arquitetura na qual ele digride sobre os vocábulos da língua alemã “bauen, whonen, denken”. Traduzido literalmente como “construir, habitar (ou morar) e pensar”. Nela foi colocada em questionamento a analogia de construir-habitar como meio-fim: é apontado como o vocábulo bauen tem a mesma origem do verbo bin, que pode ser traduzido como “ser”. A partir disso se afirma que “o ser humano é a medida que habita” (habitar aqui deve ser lido no sentido de vivência do espaço, isto é: a partir de experiências fenomenológicas e empíricas) e, portanto, “bauen é propriamente habitar”. Em outras palavras: o pensar a arquitetura - que com certeza contempla a concepção da construção em seu sentido mais técnico-executivo - passa necessariamente pelo filtro subjetivo de cada um de nós.

Estes filtros aos quais me refiro são, entre outras coisas, os valores adquiridos por cada um ao longo de suas próprias experiências de vida e das suas relações com o meio em que vive e que podem, após analisados, dizer muito sobre o método de se pensar arquitetura de indivíduo. No seu livro *Atmosferas*, Peter Zumthor descreve sobre 9 pontos que seriam seus “procedimentos, interesses instrumentos e ferramentas” utilizados durante o projeto.

A fim de explicitar minha experiência, primeiramente repito um exercício muito recorrente durante a graduação: redesenho de projetos. Ao ler os desenhos técnicos, memoriais e, fotografias de um projeto, o leitor passa necessariamente por uma visita imagética dos espaços representados. A fim de acentuar o grau de subjetividade na leitura dos projetos optei por estudar apenas casas nas quais nunca estive presente. Desta forma me distancio, por exemplo, do desenho de observação a medida em que eu me atento aqui não só aos aspectos sensíveis que se relacionam com o corpo que habitaria aquele espaço mas também em como a minha mente habita e preenche este espaço abstrato que se forma na minha mente.

“Quanto mais simples é a casa gravada mais ela trabalha minha imaginação de habitante [...] [a casa] Quer ser habitada simplesmente, com a grande segurança que só a simplicidade dá.”



CASA DOS PRAZERES

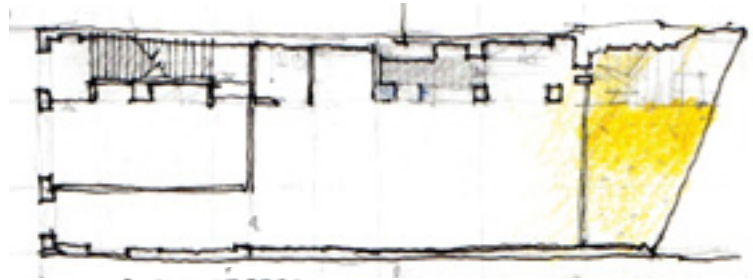
José Adrião

Lisboa, Portugal, 2009

Trata-se de um projeto para requalificação de um imóvel antigo, quase em ruínas, que esteve desocupado por quase 15 anos. O arquiteto optou então por manter a fachada do edifício - que abriga dois apartamentos: um no térreo e outro nos dois andares superiores, com terraço - e alterar completamente a disposição interna dos espaços.

O lote possui 7 x 22 m e divide em planta espaços servidos e servidores: toda a circulação vertical se resolve em conjunto com a lareira e área molhada numa faixa de 2 m enquanto o espaço restante permanece livre para abrigar os outros usos. Trata-se de uma casa bem informal no trato com àqueles que a habitam. Não há muitos espaços de intimidade na casa, mesmo o box do banheiro pode ser visto por aquele que, por ventura, sobindo as escadas para o segundo pavimento, olhar para trás.

Neste projeto me chamaram a atenção o jogo de luzes que penetra a casa através de aberturas ora amplas, ora reduzidas, ora evidente e outras inusitada. Sobretudo a representação da clarabóia que ilumina o primeiro e segundo pavimento e o jardim do recúo aos fundos que conecta os dois apartamentos.



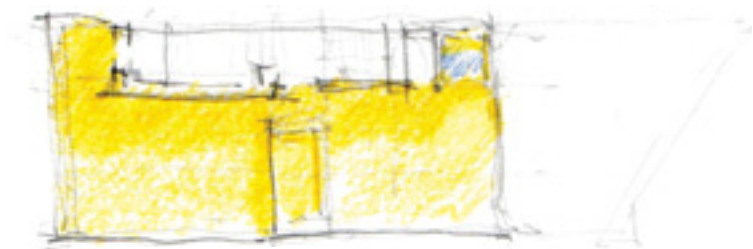
1º VTO TERREO
A: 2,50



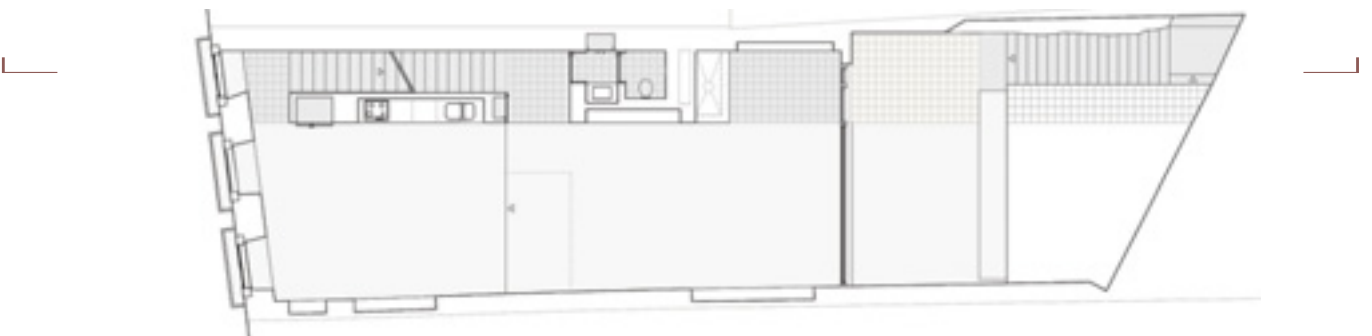
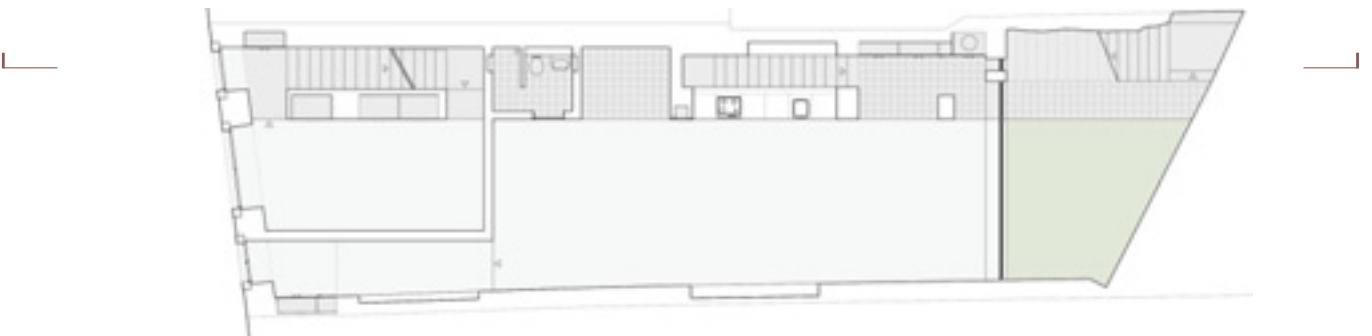
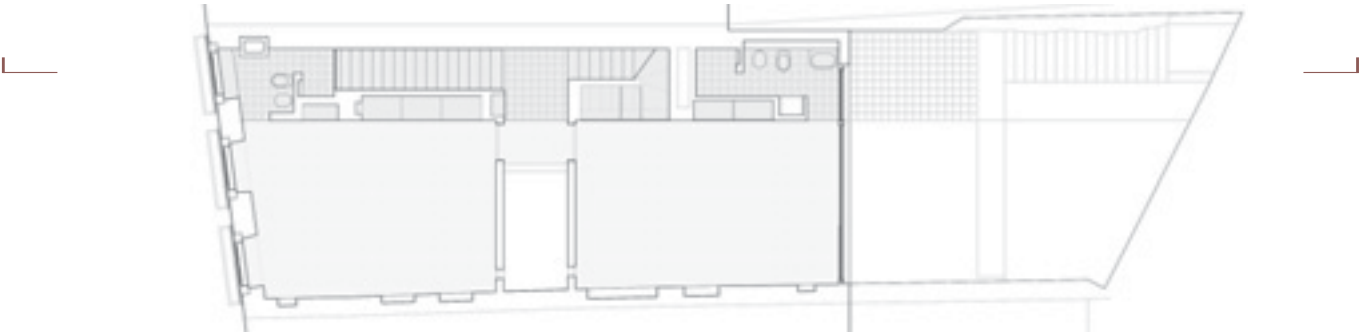
1º PAVTO
A: 2,50

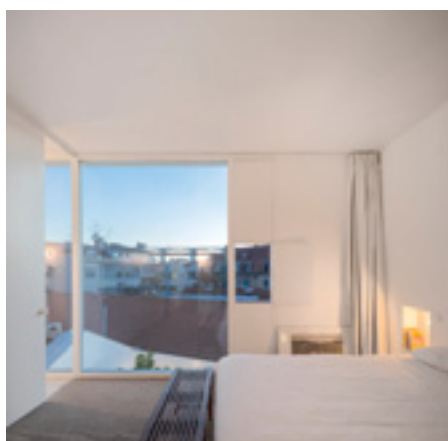
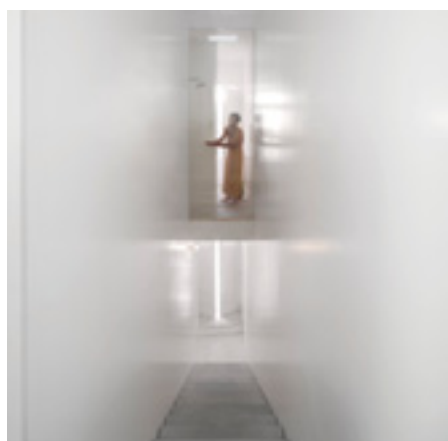


2º PAVTO
A: 2,50



COBERTURA
A: 2,50





CASA BROOKLING

Gema Arquitetura

São Paulo, Brasil, 2014

Esse projeto trata de um tipo de arquitetura residencial muito presente na cidade de São Paulo. A casa geminada de um dos lados em um lote estreito e comprido - neste caso, 5 x 30m.

Este projeto trata de um paradigma que vem me instigando há anos: a sala de estar é um dos cômodos em que nos sentimos mais expostos e, portanto, geralmente não queremos ser vistos neles por pessoas alheias à nossas vidas. Se isso for verdade, colocar a sala de estar na frente das casas - como é muito comum na arquitetura residencial paulista - não pode contribuir pelo desejo de murar a testada do lote?

Nesta casa se optou por manter o programa de serviço próximo à rua, deixando nos fundos do lote às áreas de estar. Porém essa decisão pouco resolveu a minha questão principal que é a relação da casa com a rua: o muro foi substituído por um portão gradeado - que permite a passagem do visual, o que por si só já é melhor que um muro - mas logo atrás a fachada do edifício se revela como uma parede cega - sem nenhum apelo ou generosidade com o pedestre.

Essa casa carece de registros fotográficos do seu interior. Desta forma desenhá-la foi um processo de imaginação intenso de como estaria essa casa habitada. As eslevações mostram uma área muito bem iluminada junto à um jardim interno aos fundos, a qual para ser acessada requer que o usuário percorra junto ao recuo lateral um corredor revestido com uma telha metálica pintada de amarela que, ao refletir a luz do sol, parece criar uma atmosfera única nesse ambiente de passagem.

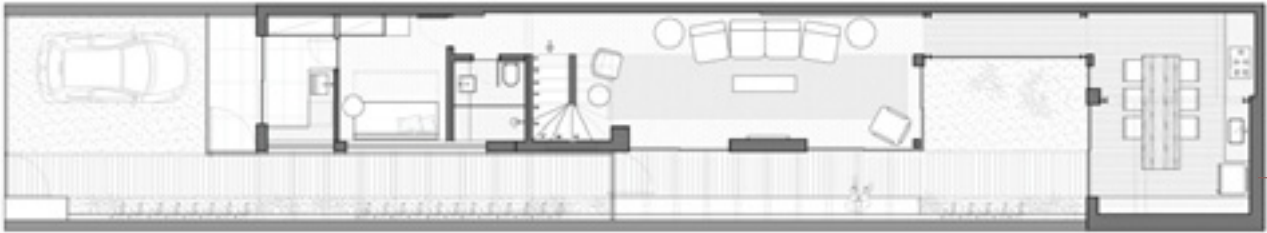
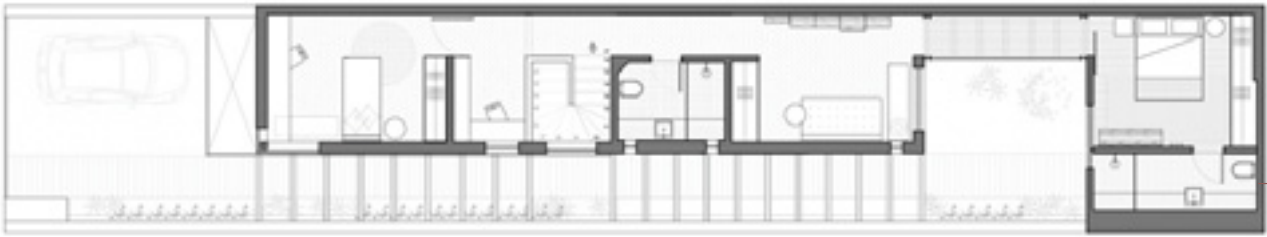


Imagens

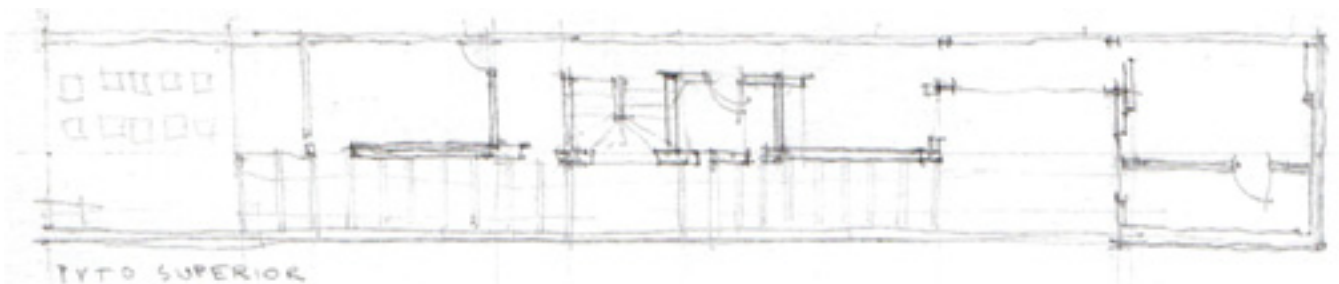
Esquerda vista da fachada, direita
acesso lateral.
Disponível em gemaarquitetura.com

Desenhos

Plantas do térreo e pavimento superior;
elevação lateral e corte da edícula.



0 1 5 10



PVTO SUPERIOR



PVTO TÉRREO



CASA UM

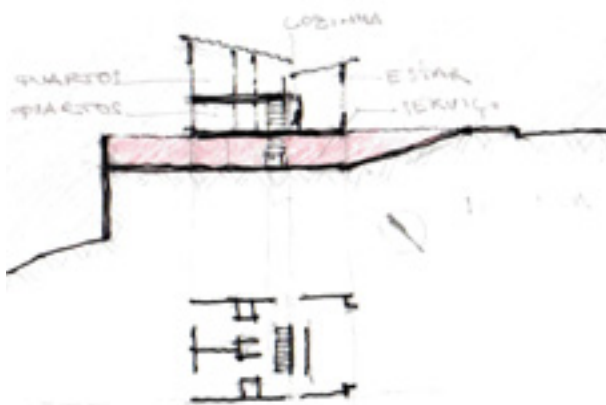
Terra e Tuma Arquitetos Associados
Santana do Parnaíba, Brasil, 2014

Este projeto se destaca aqui principalmente pela sua implantação e consequente relação com a rua. O edifício é sustentado por quatro conjuntos de parede-pilar que conformam o espaço da garagem.

Esta é acessada por uma rampa que ocupa praticamente todo recuo frontal do lote. Somente há espaço, junto à fachada sul, para o acesso de pedestres que acontece sobre um dos conjuntos de parede-pilar e conecta a calçada à uma porta na lateral do volume.

Esta conformação se traduz no corte transversal que mostra o pavimento inferior, que se subdivide em garagem, área de serviço e circulação vertical e um pátio bem iluminado porém contido entre os três muros de arrimo. Este desenho ainda nos mostra a sala - com um pé direito duplo se mostrando para a rua através de um grande pano de vidro e a sala superior que é iluminada por uma abertura em shed.

Em planta este programa se divide claramente em três partes: à leste está a sala de estar, no centro cozinha, circulação vertical e sala superior, e à oeste os quartos e banheiros.



Desenhos

Análise da planta do pavimento térreo e corte longitudinal.

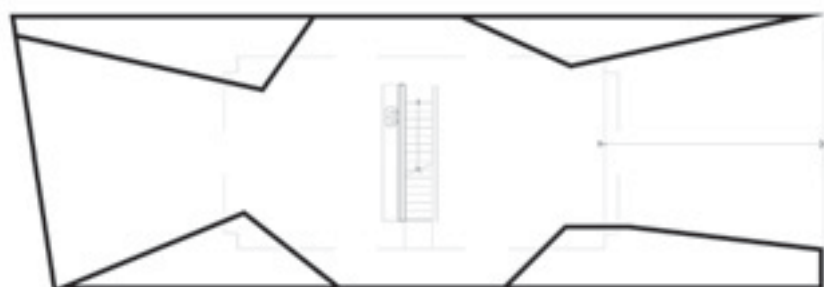
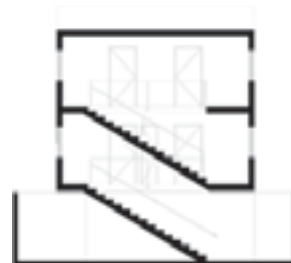
Fotografias

Vistas da entrada, fundos e lateral da casa. Fotografias Pedro Kok; disponível em terraetuma.com.br



Desenhos

De cima para baixo:
elevação lateral; corte
longitudinal, corte
transversal; e plantas
de cobertura, pavimento
superior, térreo e subsolo.
Disponível em terraetuma.com.br



0 1 5

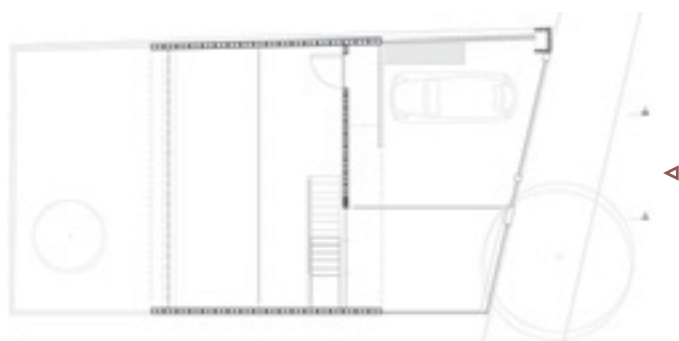
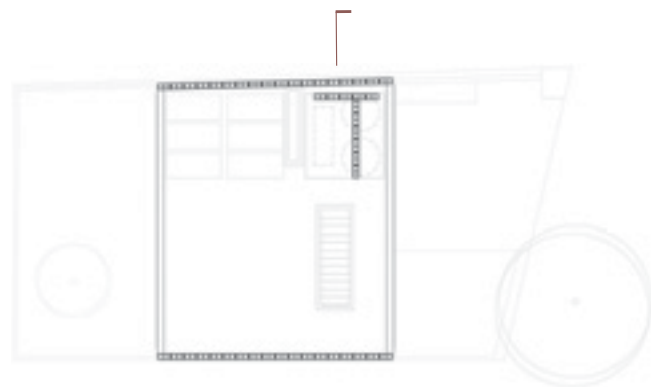
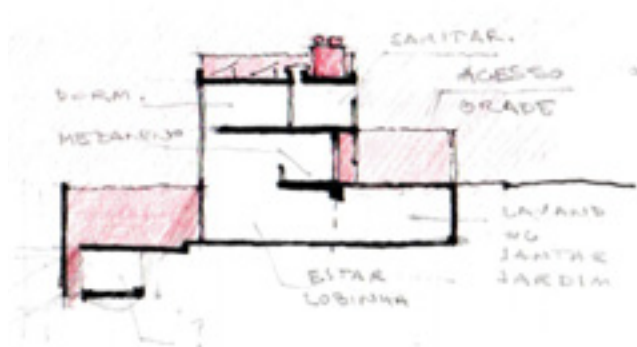
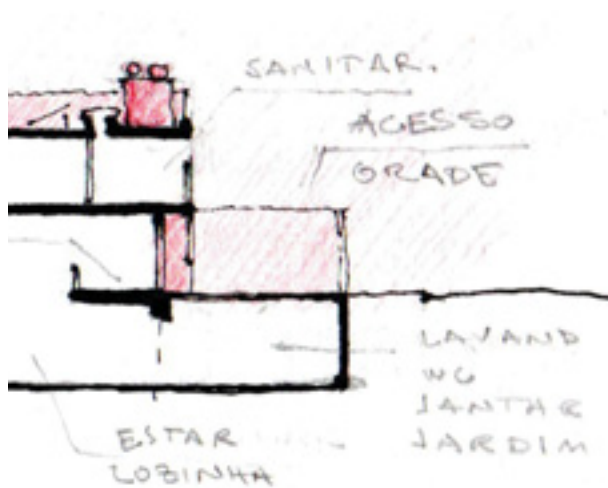
CASA MARACANÃ

Terra e Tuma Arquitetos Associados
São Paulo, Brasil, 2009

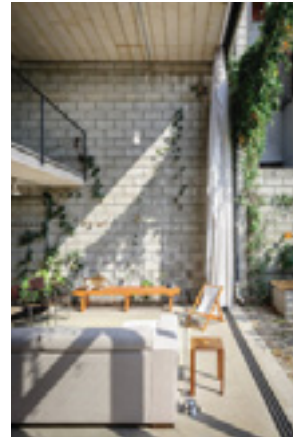
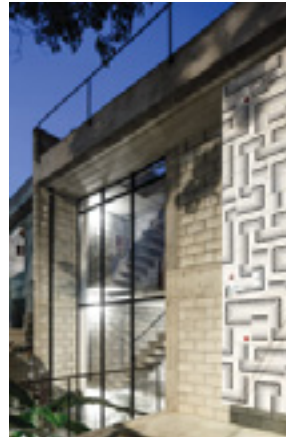
Este projeto é lido facilmente pelo corte longitudinal: ao entrar no edifício, vindo da rua, o usuário chega no mezanino da casa, do qual se pode ver a sala à sua frente e dele acessar a circulação vertical. Abaixo estão os espaços comuns enquanto acima estão os dormitórios, banheiro e a cobertura.

Gosto dessa casa por ser uma casa funcional e compacta e, com três quartos, comportando um número de habitantes que deve fazer dessa casa muito viva. Toda atividade da casa se concentra no piso inferior: sala de estar e jantar, cozinha, jardim, terraço e serviço.

Imagino que nesta casa convivam todos os habitantes durante a maior parte do tempo, sendo, os quartos são os únicos espaços de intimidade que há.



0 1 5



Desenhos

De cima para baixo: plantas da cobertura; pavimento dos dormitórios, mezanino de acesso; pavimento inferior com salas, cozinha e jardim. À esquerda de cima para baixo cortes longitudinal, transversal e fachada. Disponível em terraetuma.com.br

Fotografias

De cima para baixo da esquerda para direita. Vistas da fachada a partir da rua; do mezanino de acesso; do escritório/copa; da escada de acesso aos dormitórios; detalhe da fachada com esquadria e painel de azulejo; sala de estar; vista geral da sala e mezanino; e fachada. Fotografias Pedro Kok; Disponível em terraetuma.com.br

CASA EM CARAPICUÍBA

UNA Arquitetos

Carapicuíba, Brasil, 1997

Este projeto me toca principalmente pela sua estética: a simplicidade e clareza do edifício tipo pavilhão aliada à escolha de materiais, acabamentos, trabalho de paisagismo - tudo me agrada.

Não há fotos da fachada do lote para se imaginar a relação com a rua. A impressão que se tem pelo registro disponível é de uma casa que, apesar de escondida entre a vegetação, tem uma presença clara - seja pela sua implantação e sua varanda que se projeta em direção ao talude ou pelos seus elementos marcantes junto à fachada frontal: a torre da caixa d'água, o módulo que guarda a área de serviço e o jardim conformado entre esses dois volumes.

Internamente a casa respeita uma simetria transversal e se organiza entorno da sala de estar-jantar. No centro, marcando a entrada principal da casa há um pano de vidro que emoldura a lareira. O espaço varanda-sala-deque tem o piso revestido de madeira: em ripas justapostas - no espaço externo, e em tacos - no espaço interno. Ao atravessar este pano de vidro a sala se apresenta ampla, crescendo para os lados, e articula de um lado a cozinha e um dormitório, enquanto do outro lado, espelhado com a cozinha, há um closet para o segundo dormitório.

Desenhos

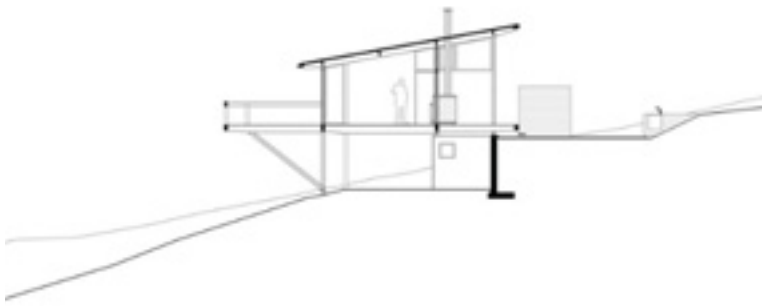
Acima esquerda planta pavimento acesso; acima direita corte transversal. (Disponível em unaarquitetos.com.br); abaixo análise planta. (Elaborado pelo autor)

Fotografias

De cima para baixo: vista do acesso central; vista a partir do jardim; sala de estar; cozinha. Fotografias: Nelson Kon.

Disponível em unaarquitetos.com.br



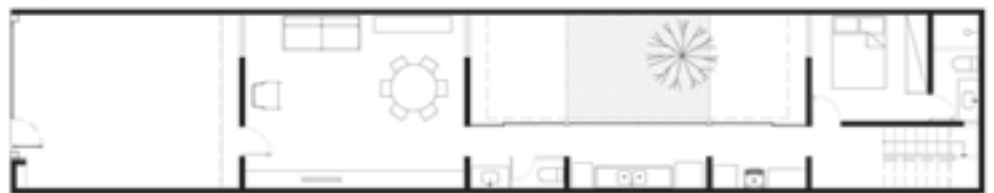


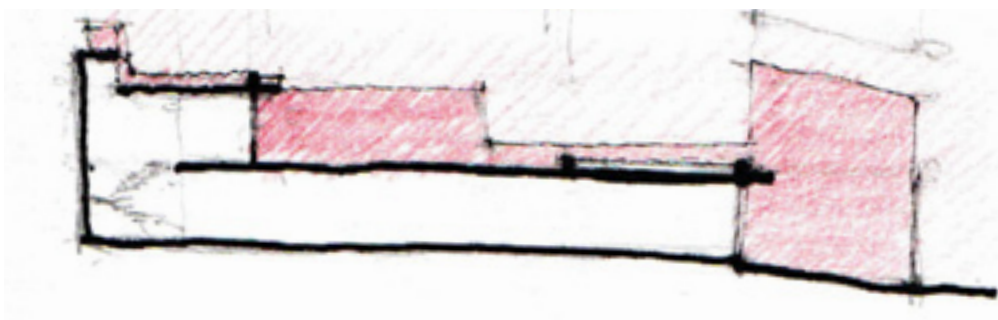
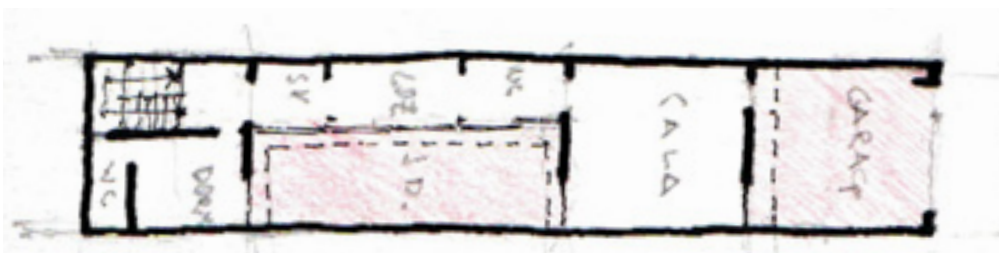
CASA VILA MATILDE

Terra e Tuma Arquitetos Ass.
São Paulo, Brasil, 2015

Este projeto chama atenção - para além da sua história e sua maneira particular de atender à demanda do cliente - pela maneira que resolve, dentro do tipo de lote 5x25, questões ligadas ao conforto ambiental da habitação, especialmente a ventilação e iluminação.

O pátio central do edifício permite que ele respire e garante iluminação natural para todos os ambientes enquanto, aos fundos sobre as escadas, há uma abertura que permite ventilação em efeito chaminé.





Desenhos

À esquerda: planta segundo pavimento, planta térreo, corte longitudinal. (Disponível em terraetuma.com). À direita: desenhos de análise na mesma ordem. (Elaborado pelo autor)

Fotografias

À esquerda: vista da cobertura. À direita: fachada da rua; abertura zenital dos fundos; laje de cobertura jardim; ambientes em volta do pátio. Fotografias: Pedro Kok. Disponível em

CASA FONTE BOA

João Mendes Ribeiro

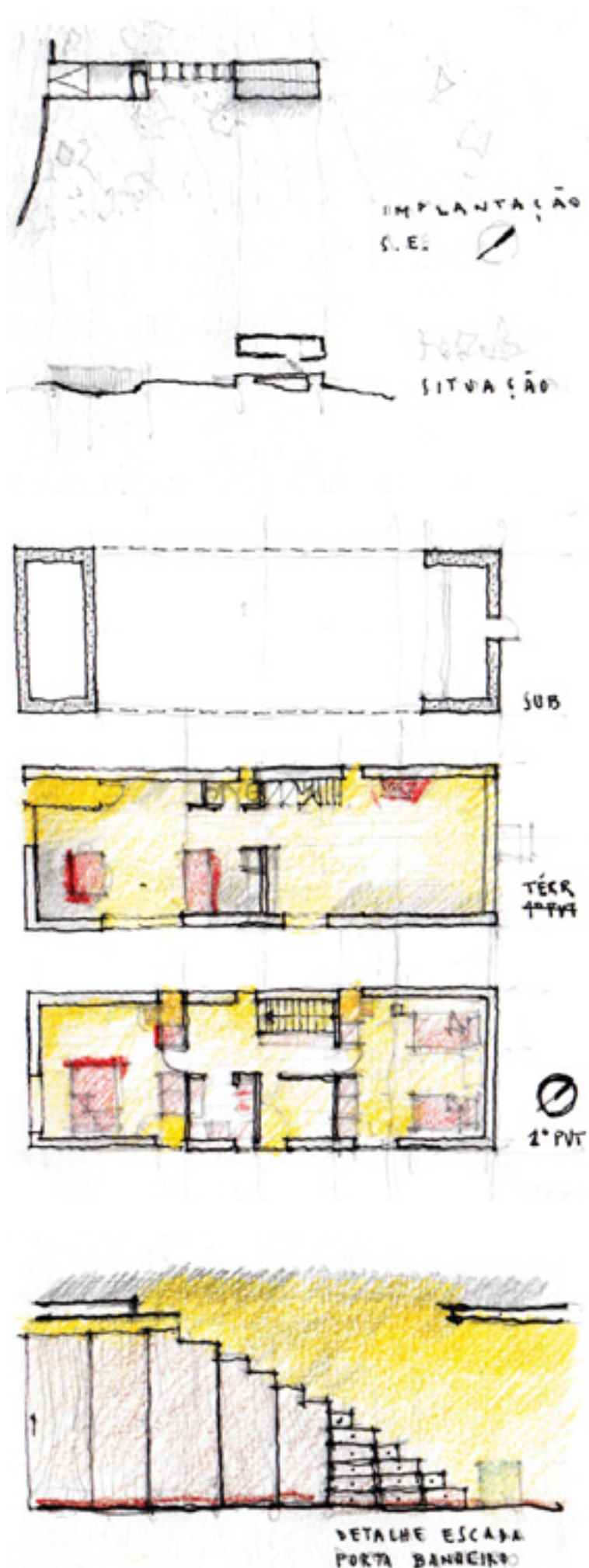
Fonte Boa, Portugal, 2015

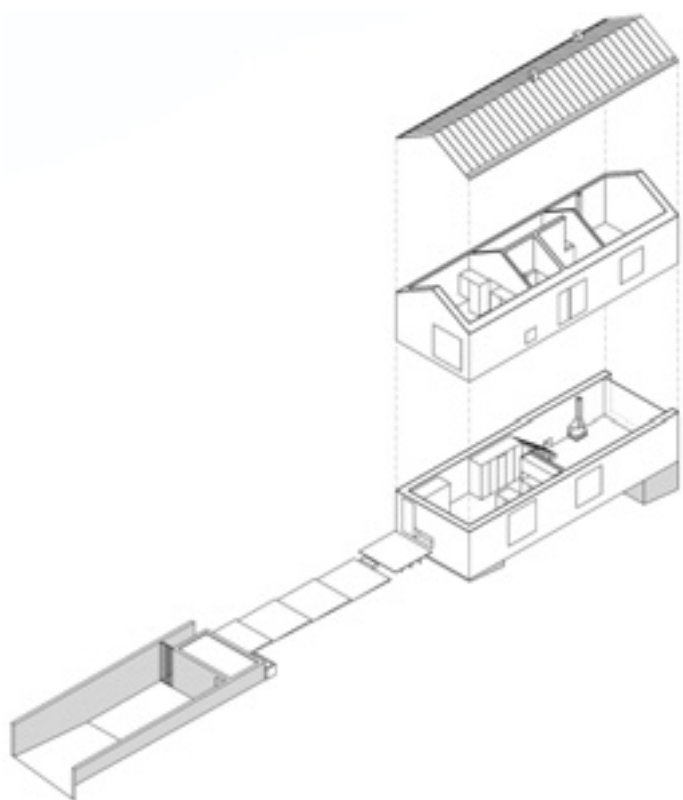
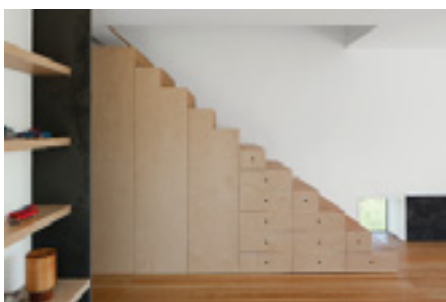
Esta casa difere das demais em especial pelo tratamento dado ao percurso que se faz desde a calçada e o interior do edifício.

Trata-se de uma casa implantada em um lote muito amplo - não há vizinhos diretos e o projeto se torna um volume "isolado" no meio da paisagem.

Aquele que, por ventura, estiver caminhando até esta casa irá andar pela calçada ao lado de um muro baixo de pedras até a entrada da garagem executada em concreto aparente. Com uma leve rampa o nível da garagem se torna baixo o suficiente somente para esconder o carro da paisagem adjacente como quem quer mostrar que esse elemento - que traz a ideia de velocidade, automatização, etc - não pertence ao universo desta casa. Após subir um lance de escadas o usuário irá alcançar um nível pouco mais alto que a soleira da casa. A sua direita há um tanque d'água e a frente sucessivas platavormas de aço que vencem o leve declive até a porta de entrada. Ao atravessá-la o indivíduo terá de perpassar por uma caixa de vidro que faz a transição entre o interno-externo: dentro dela o piso é diferente e há espaço para pendurar roupas, descalçar botas e encostar objetos de uso externo.

O interior da casa é marcado por aberturas inusitadas: junto do hall de entrada em vidro há uma janela baixa - pela qual é possível enxergar, por exemplo, os pés de quem se aproxima - ou junto da escada, marcando seu primeiro degrau. Estas aberturas, usadas em conjunto com outros elementos - como a escada em madeira que forma um volume que não chega a encostar na laje do primeiro andar ou uma parede mais baixa no escritório - criam um jogo de luzes que varre todos os espaços.





02_CASAS VIVIDAS

O segundo exercício proposto aqui consiste em revisitar mentalmente o meu repertório de espaços em que vivi em busca de identificar e compreender a minha **casa natal** como Bachelard define: não necessariamente uma *uma casa específica mas sim este grupo de hábitos que define a hierarquia das funções do habitar* para da um.

Através do instrumento da **topoanálise** eu procuro revisitar primeiramente o que Bachelard chama de “centros de condensação da intimidade”. São pequenos recortes de espaços que me vêm à mente quando penso nas casas que escolhi parar mostrar aqui. Estes espaços são quase em sua maioria espaços coletivos, os quais a minha memória habita com outras pessoas além de mim. Muitas vezes são meus parentes de sangue mas em diversos momentos lembro de amigos ou desconhecidos também.

É importante ressaltar que até então a arquitetura destes espaços não ocupam o primeiro plano destas memórias. Somente em um segundo momento eu escolho uma dois destes lugares para analisar como um todo: a casa de praia projetada pelo meu tio-avô e o sítio da minha família.

“A topoanálise seria então o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima. Nesse teatro do passado que é a memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Por vezes, acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo: que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer ‘suspender’ o voo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço.”

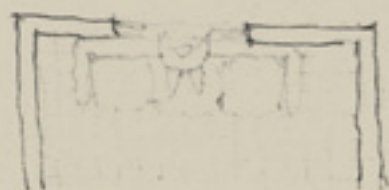
“Ao nos lembrarmos de vivências passadas nossa consciência tenciona fenomenologicamente objetos passíveis de representação espacial e, portanto, arquitetônica”

“[...] a casa é, a primeira vista, um objeto que tem uma geometria rígida. Somos tentados a analisá-la racionalmente. Sua racionalidade é visível e tangível. [...] tal objeto geométrico deveria resistir à metáfora que acolhem o corpo humano [...] mas a transposição ao humano se faz imediatamente, desde que se tome a casa como um espaço de [...] condensar e defender a intimidade.”

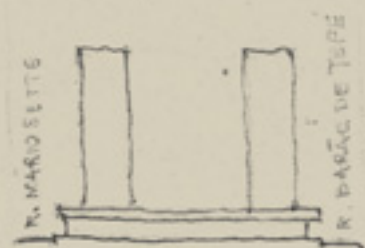
2. AS CASAS QUE HABITEI

→ ORDEM CRONOLÓGICA:

2.1. SOFÁ NO APTO 103 DA R. MARIO SETTE - SÃO PAULO, SP



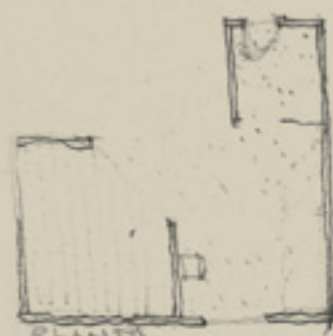
PLANTA S.E.



ELEVÇÃO NORTE S.E.

talvez a lembrança (muito antiga) meu pai que eu tenha desta primeira casa seja de um sofá de couro preto que ficava encostado sob a janela da sala. Lembro de gostar de ficar de joelhos, debruçado sobre o encosto a observar o mundo de de cima andar do edifício. De lá eu podia observar todo o mundo ao qual eu não tinha acesso: o pátio do mebrô do terminal Barra Funda e o grande vazio adjacente (que hoje já está quase inteiro edificado) e av. Matarazzo super movimentada, a floresta Tati... Tudo o que o jardim me incomodava mas sobre todo o jardim que separava os dois blocos do condomínio. Quem eram aquelas pessoas lá em cima? Eram amigos? Quem estavam a fazer?

2.2. ENTRADA E ESTÚDIO NA R. PAMPLONA - SÃO PAULO, SP



CORTA S.E.

enquanto morava com minha mãe na Barra Funda meu pai morava em um apartamento na rua Pamplona. eu não "vivía" de fato esse lugar pois só passava breves períodos lá. Mas alguns aspectos desse espaço habitam até hoje minhas memórias: primeiro a entrada do apartamento que se dava por uma espécie de ante-câmara que se subdividia da sala somente por um grão de ferro com design art-nouveau. Na sala havia somente um sofá de alvenaria (no qual todos as coisas que caíam por entre as almofadas eram perdidas para sempre) e uma televisão. O chão era encarpado e o cheiro da sala era muito peculiar. Ainda hoje sinto esse mesmo odor e me transporto imediatamente à esse lugar. Adjacente à sala, separado por um portal envidraçado e um degrau, havia o estúdio do meu pai, com piso em madeira e sem iluminação natural.

2.3. ARMÁRIO EMBUTIDO NA R. BARÃO DE TEFÉ - SÃO PAULO, SP

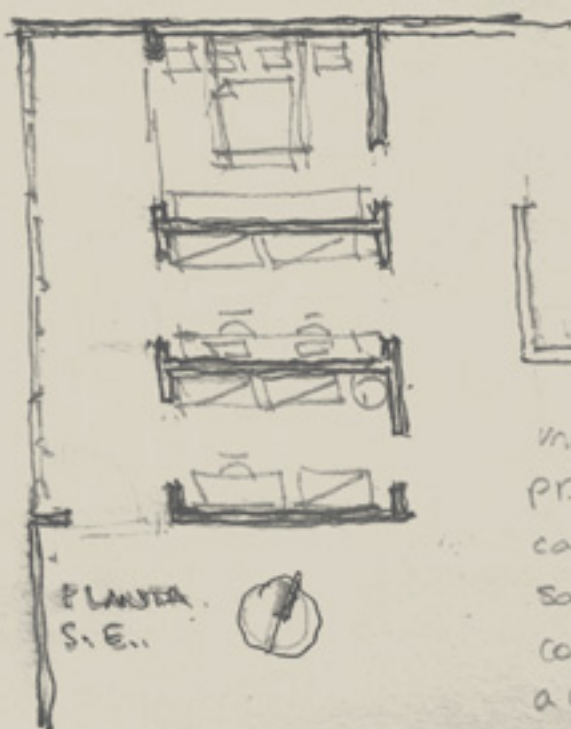


PLANTA
S.E.

Quando meu irmão mais novo nasceu, nós (eu, minha mãe e meus irmãos) nos mudamos para um apartamento no outro bloco do mesmo condomínio, na rua Barão de Tefé, e meu pai ficou no antigo apto da Mário Sette. Isso gerava uma dinâmica interessante pois a partir de então eu vivia duas casas, a da minha mãe, e a do meu pai (que era a minha antiga casa. Mas na época me parecia outra coisa completamente diferente).

Uma das vantagens do novo apto. era o fato do quarto destinado à mim e meu irmão ter beliche e armários embutidos. É este armário guardava uma característica especial: era possível entrar nele. Lembro de inúmeras brincadeiras dentro dele. Era um local onde eu podia ficar completamente escondido dentro da minha própria casa.

2.4. BANHEIRO E VARANDAS NA COLINA - BRASÍLIA, DF



PLANTA
S.E.



Minha avó materna morava em Brasília e, quando eu era bem pequeno, residia em um apartamento do (bloco J) da Colina Nova da UNE (projetado por Paulo Mendes da Silva Oliveira). Desta

memória posso destacar dois espaços: primeiro a varanda onde que comunicava os três quartos / escritórios à sala (e aí eu batia sol...) e o banheiro comum da casa: não havia porta para a área das piscinas (que era bem ampla) e esta era dividida por uma porta do ambiente semi-privado e banho. Essa organização sempre me intrigou / instigou / encantou.

2.5 CASA DO LILIA - SÃO PAULO, SP

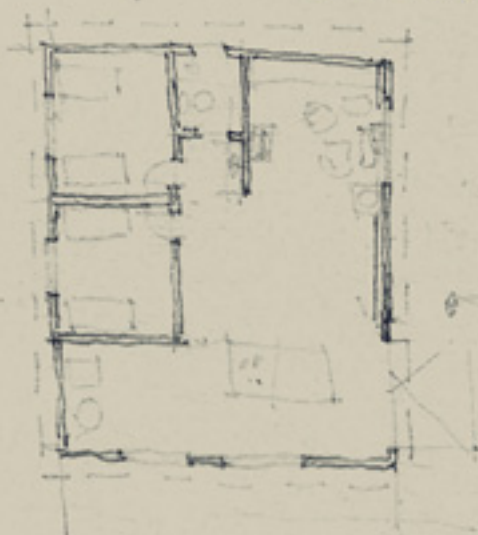


PLANTA
S.E.



Minha avó paterna morava num grande apartamento cuja sala abrigava - em um espaço - três ambientes. Havia a grande mesa de jantar sobre a qual os netos mais velhos contavam histórias de como brincavam com nossa avó dobaixo do móvel. Confesso que não tenho essas lembranças. Embora lembre da parte de baixo da mesa a minha mente me traz invariavelmente os cheiros das comidas trazidas da cozinha nas tardes de domingo em que toda a família se reunia nessa sala. Lembro de calçar muitas pestanas na mesa, sobre ela se repovavam os refrigerios com comida. No aparador adjacente estavam as bebidas. Do outro lado deste móvel havia outro ambiente com sofá, que era onde a gente se ia conversar. Por fim havia o ambiente com a TV. Era onde eu e meus primos brincávamos. Lembro agora que o piso, ali, era frio, de pedra fimeira.

2.6 SALÃO DO SÍTIO DOS MACACOS
SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP

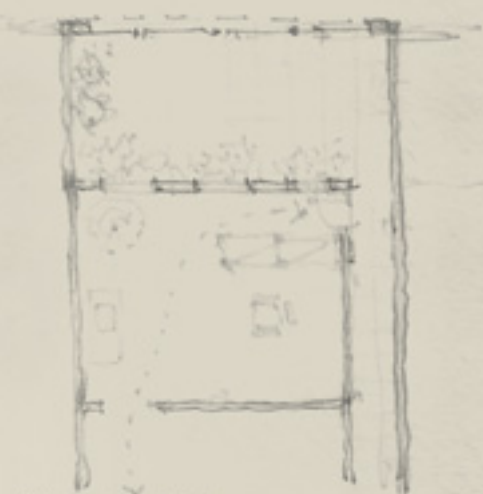


PLANTA
S.E.



O Sítio sempre foi o lugar máximo de encontro da família. No sítio dos Macacos, Hestálio e o salão e a casa sede. Enquanto os adultos ficavam na casa principal, a sede, os mais novos podiam ficar em "prof" (ou eram eles que ficavam?) no salão, a cerca de 15m de distância - e suficiente para não se incomodar com a bagunça mas ainda conseguir ouvir se algo do errado acontecia. No salão havia 4 beliches, banheiro e muito espaço e muitas almofadas para brincar. Ah, e uma t.v. velha para papamos vídeo prim. Lembro do atrair da família, era a sala do sede com os adultos e famílias corais de adultos.

AV. 10



PLANTA S.E.

--- TIRADA DO 160R



ELEVÇÃO (NOROESTE)

S.E.

Foi a primeira casa após sairmos de São Paulo. Não ficamos nem um ano nela porque tinha bastante lembranças de lá, lembro do sentimento de independência que começava a andar sozinho. Toda ir e voltar a pé da escola... os grades do caso oficialmente deixaram de ser o limite. A nossa frente havia uma praça enorme. Era ótimo. Do lado, também de frente pra praça, havia o grêmio, onde rolavam festas todos os finais de semana. O calor de comunal aliado à orientação norte do quarto que dividia com meu irmão nos colocava no seguinte dilema nos noites barulhentas: abrir as janelas e enfrentar o desconforto do som das festas ao fecha-las e morrer do calor.

Mas de todas as lembranças a que me é mais agradável é de estar sentado à noite assistindo televisão na sala enquanto o pai, nosso primeiro cachorro - que na época era um filhote - corria de um lado para o outro para gastar a energia que ele acumulou durante o dia inteiro enquanto ficava deitado tomando sol no concreto que ficava nos fundos da casa. Eu ouvia o som das patas dele sobre o chão de azulejo frio

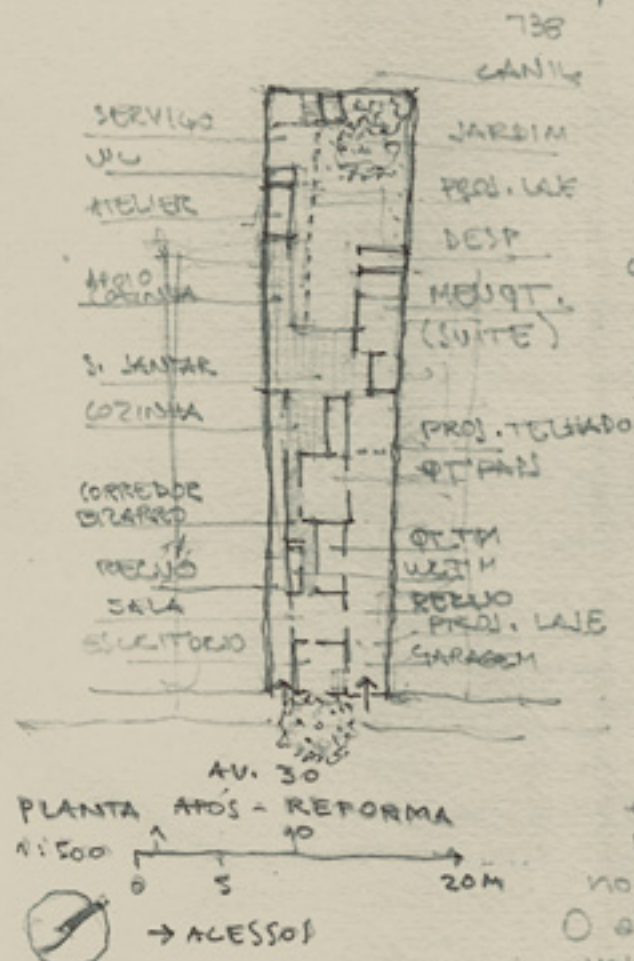
vindo da cozinha até ele aparecer pelo portal que separava a sala de jantar e de estar, o via cruzar na minha frente e sumir atrás do móvel que marcava a entrada e, imediatamente depois, ouvir o barulho dele derrapando e invariavelmente batendo contra a porta de madeira.

Após mais ou menos um ano, meu pai se mudou também para Rio Claro e nos mudamos todos para o caso da Av. 20. Não lembro muito bem detalhes da reforma... foi depois de dois anos que conseguimos reformar o caso com parte do dinheiro da venda do imóvel na ritaplona em São Paulo. Foi então que penso que nos constituímos ali como lar e família estável.

O imóvel era bem antigo e quando chegamos ele era bem diferente de como desenhiei na outra página: no escritório, onde há uma escada, havia um alpendre cheio de plantas onde meu pai fumava e onde tinha uma janela p/ rua. No lugar da laje sobre a garganta havia um pergolado de concreto com uma primavera muito frondosa.

2.5.
CASA DA AVENIDA 30, RIO CLARO, SP

(na época dividíamos)



O volume da casa compreendido desde a testada do bloco até o que depois foi o quarto do fim tinha piso de assoalho e caixão perdido embaixo. A cozinha se limitava até onde hoje é a s. de jantar e lavanderia e o q. de Angélica ficavam onde hoje era o meu quarto. Não havia o cto de apoio, etc. etc. No lugar tinha um puxadinho negro e no meio do jardim uma grande parreira e uma duna de noite (me lembro muito do perfume) as quais morreram após a reforma.

Lembro do som do assoalho. Não me mostra depois que eu ganhei meu primeiro despertador - meu irmão acordou os terros com o som do alarme e eu, desorientado pelo sono, caí do beliche e o som do meu corpo caindo no chão deve ter ecoado por toda casa. O alarme havia parado de tocar, mas já estava voltado a dormir e eu - que não havia,

não sei como, me machucado - resolvi seguir o exemplo dele na confiança de que nada demais havia acontecido. Não bastou um momento de silêncio e meus pais apareceram de sobressalto na porta do nosso quarto para ver o que ocorreu.

O que posso dizer da casa após a reforma? Só a viver de fato por dois anos... Acho legal ressaltar o conjunto da cozinha e sala de jantar que funcionava muito bem: a pitagueria no jardim interno que ficava sob a claraboia (que deu mais de um vazamento), o degrau que dividia os dois ambientes e permitiam a relação balcão/mesa trabalho. Eu pude pensar como queria meu quarto - na época me interessava com a possibilidade de estudar arquitetura... Será que foi aí que começou? - e tentei reproduzir o mefânico do antigo q. do pauplona para abrigar a área de estudo, pensei num projeto de estantes legal e escolhi uma parede para pintar de amarelo canário - todos estranhavam a escolha duma cor tão forte para o quarto mas ela, apesar de intuitiva, foi muito certeira: a luz que refletia nessa parede iluminava o quarto de uma maneira singular e deixava o ambiente (que carocia de aberturas) muito agradável. Tive o máximo escolher a louça do meu banheiro: era toda preta. Também merece menção o conjunto de churrasqueira e forno/fogão a lenha que quase nunca usávamos e por fim, a escada que subia até a laje onde podíamos olhar sobre os muros vizinhos e ver a cidade: Rio Claro era muito murada, a cidade por

2.9 CASA DA RUA SAGARANA, 53 - SÃO PAULO, SP



MEU QUARTINHO

JANELA NOROESTE

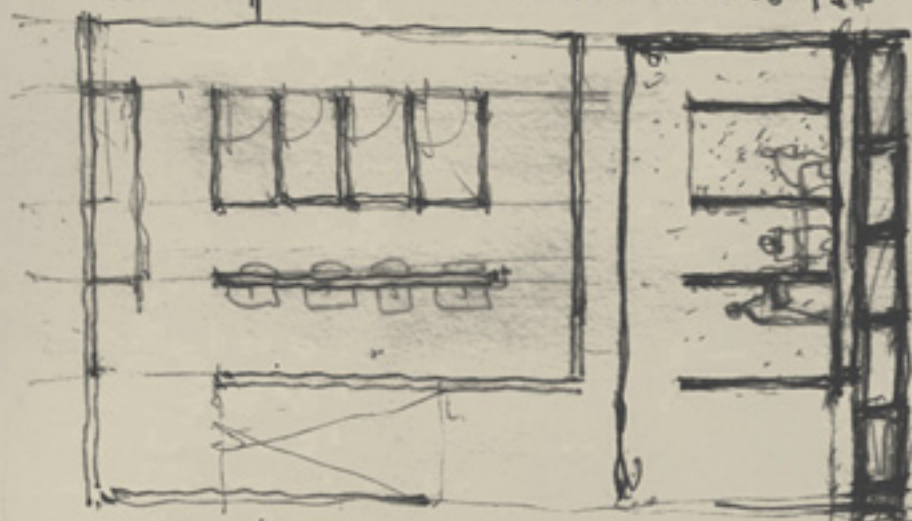
CORTE - REF. JANELA - RUA (SUDESTE)

0 2,5 10m

* Detalhe p/ box do chuveiro
tinha um fechamento
de uma janela
que, juntos, impediam
banheiro ficasse cheio
(o espelho não emborçava)

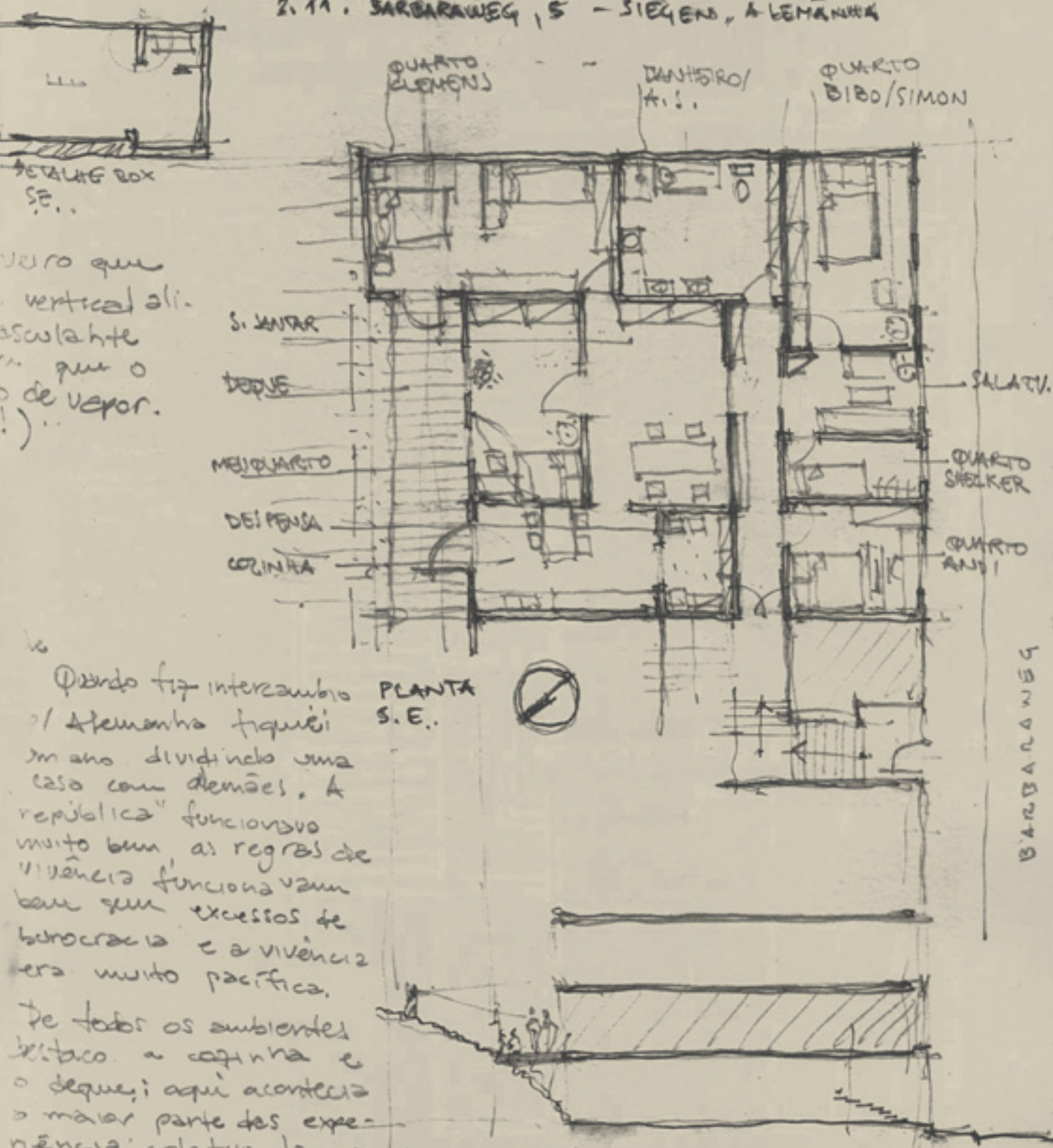
Quando eu passei na fuvest e entrei na FAUUSP me mudei de volta para São Paulo. Nos primeiros anos que sucederam essa mudança eu morei junto da minha tia Kitty e meu primo Mario em uma das casas mais agradáveis que vivi. A invariável estranheza de não estar mais na casa dos meus pais se aliou a uma forte amizade com meu primo e com os mais novos amigos na faculdade e a vontade de viver a cidade e a vida nova que se abria pra mim de todas as experiências proporcionadas pela casa uma se sobressaía em meio às minhas memórias: Uma tarde de domingo, eu estava lendo na minha cama, ao lado da janela do puxado onde ficava meu quarto que olhava para a rua, quando o xô Cab e Marília me chamando pelo portão. Era uma sensação incrível: eu tinha amigos que, ao passar por perto da minha casa se lembraram de mim e vieram gritar meu nome! Foi único e inesquecível.

2.10 BANHEIROS FAUUSP, SÃO PAULO, SP



PLANTA
S.E.

Como para muitos, a FAU foi pra mim como uma extensão de casa. Desculpe-me a falta de rigor no desenho mas desse edifício o ambiente que sempre mais me intrigou foram os banheiros. Especialmente a solução de piso flutuante e os bancos de alvenaria. Até aqui há espaços de permanência!



PLANTA S. E.

BARBARA WEG

Quando fiz intercâmbio
o/ Alemanha fiquei
um ano dividindo uma
casa com alemães. A
república funcionava
muito bem, as regras de
vivência funcionavam
bem sem excessos de
burocracia e a vivência
era muito pacífica.

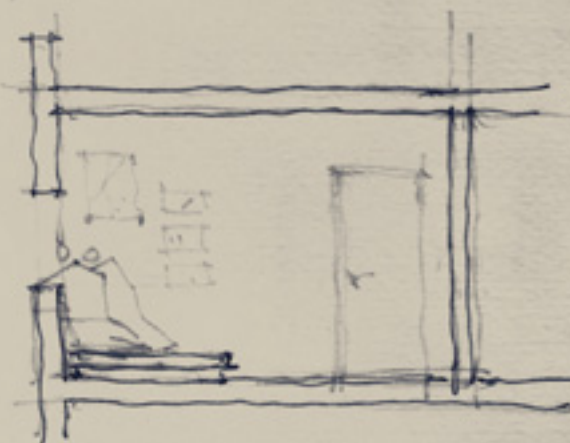
De todos os ambientes
testado a cozinha e
o deque; aqui acontecia
a maior parte das expe-
riências coletivas da casa.

A implantação do edifício S. E.

fazia com que no deque nós pudessemos desfrutar de
um jardim no qual passávamos boa parte do verão e no
qual podíamos conversar com nosso vizinho dos fundos.

Acho que foi aqui que comecei a gostar de casa.

2.12. APARTAMENTO D.P.T., 43 - SÃO PAULO, SP



CORTE QUARTO
S.E.

Após sair da casa da minha
tia na rua Sagerana eu en-
contrei para um apartamento no
ENT da rua Natingui. Trata-se de
um pequeno apartamento no último
andar de um prédio baixo de térreo
mais quatro pavos.

Das particularidades dessa casa
eu chamo atenção para as alturas
dos peitoris dos janelas dos quartos: Baixas.

Esta dimensão causa estranhamento pois
é muito baixa e dá a sensação de inseguri-
rança. Porém no meu quarto tenho uma cama baixa
que faz com que o peitoril fique apenas 30cm acima do
meu colchão. Dessa forma passo horas deitado e sentado
ali observando a rua e os outros edifícios do conjunto
habitacional e toda a vida que acontece ali.

CASA NA RUA ESMERALDA, 310

Domingos Theodoro Azevedo Netto
Ubatuba, Brasil, 1976

Trata-se de, primeiramente, uma casa de esquina introspectiva e ensimesmada localizada no loteamento Pedra Verde entre as praias do Lázaro e Domingas Dias um pouco ao sul da cidade de Ubatuba.

O projeto usa os recúos frontais para um generoso jardim que sombreia as fachadas da casa e, ao mesmo tempo, torna mais amigável as paredes que limitam o edifício, estas com poucas aberturas, se assemelhando a uma simples empena cega.

Pela rua Esmeralda há o acesso para carros. Deste ponto de vista é possível entender o telhado de duas águas. Este define claramente os espaços servidores, ao longo do acesso da garagem, e os espaços servidos, que se distribuem entorno do pátio central, que é o elemento articulador do projeto.

Este é a entrada mais utilizada da casa. Ao chegar da praia e passar pelo portão baixo é possível limpar os pés sujos de areia na torneira baixa que há junto ao muro. Logo depois, na área de serviço, há uma ducha na qual se pode tirar o sal do corpo antes de utilizar a casa - o piso absorve bastante água e não há porque se preocupar em molhar os espaços.





O acesso social, pela rua Turquesa, é feito através de uma porta de duas folhas de madeira treliçada, a qual é alcançada após subir três degraus. Ao perpassá-la o usuário se encontra imediatamente sobre o jardim e pode facilmente se deslocar para o ambiente que desejar. Uma vez dentro do pátio ele está completamente resguardado dos olhares da rua ao mesmo tempo que consegue observar o movimento que ocorre no exterior seja pelo visual através da porta, pelo muro vazado ou pelos sons que atravessam o muro de 2,10 m.

O pátio acontece entorno do jardim. Nele há somente pilares com ganchos de rede e grandes bancos de alvenaria dentro dos quais são guardados uma série de itens de uso comum (normalmente brinquedos e utensílios de usos relacionados à praia: raquetes, esteiras, pés de pato, guarda-sóis, etc).

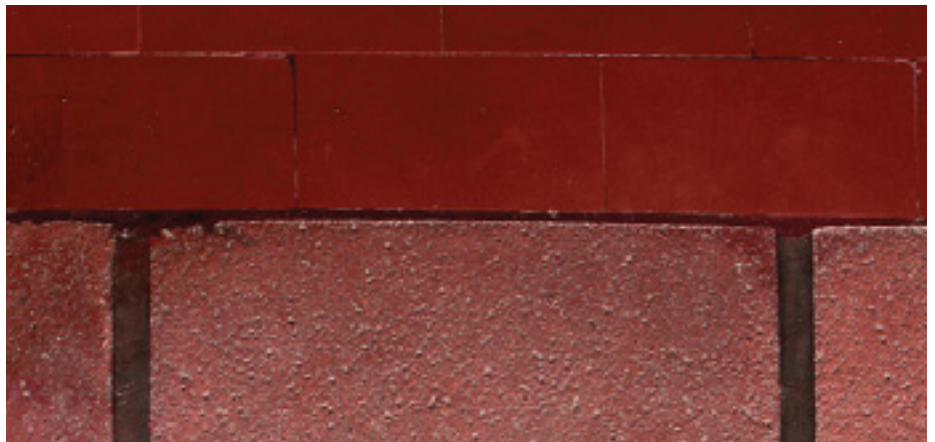
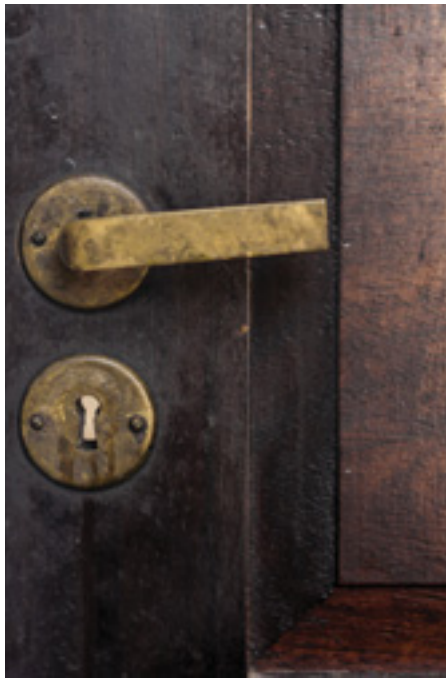




De um lado do jardim, de frente para a rua Esmeralda, há a sala de jantar e estar, ambas no mesmo espaço. Estes dois ambientes somente se diferenciam pela diferença de pé direito: a mesa de jantar está sob a parte mais alta do telhado enquanto os sofás estão na porção mais baixa. A iluminação se dá por algumas janelas altas na parede voltada para rua e duas portas balcão do lado oposto, dando acesso ao pátio central.

A cozinha está conectada à sala de estar e lavanderia. Este é o ambiente em que a mudança de piso se dá de forma mais sutil: o material e cor permanecem iguais mas aqui as peças são retificadas, não há rejunte entre elas e o acabamento é polido e envernizado para facilitar a limpeza.





Oposto à sala se organizam os quartos. De um lado há uma suíte, cujo banheiro é acessado tanto por dentro do quarto como pelo pátio. De outro lado há dois quartos e um segundo banheiro. Todos os quartos tem janelas voltadas para o recuo lateral da casa, onde há um jardim bem íntimo e sombreado. As janelas são de duas folhas que, ao correrem, ficam embutidas na alvenaria, permitindo que toda a luz da abertura fique livre.

Por fim, a casa mantém uma unidade estética muito forte. Todas as paredes são de alvenaria auto-portante, revestidas de argamassa fina e tinta branca, de modo que o relevo dos tijolos fique aparente. O piso é o mesmo em todos os ambientes, peças quadradas (~40cm) de cerâmica crua em cor terracota com juntas largas em argamassa. Somente na cozinha e banheiros são usadas peças de cerâmica retangulares menores (~12x20cm) na mesma cor mas polidas e sem rejunte. A estrutura que suporta o telhado, assim com as portas e esquadrias, são todas em madeira e são revestidas de tinta preta. São tratadas somente com verniz escuro as madeiras usadas nas prateleiras dos quartos e nos forros.



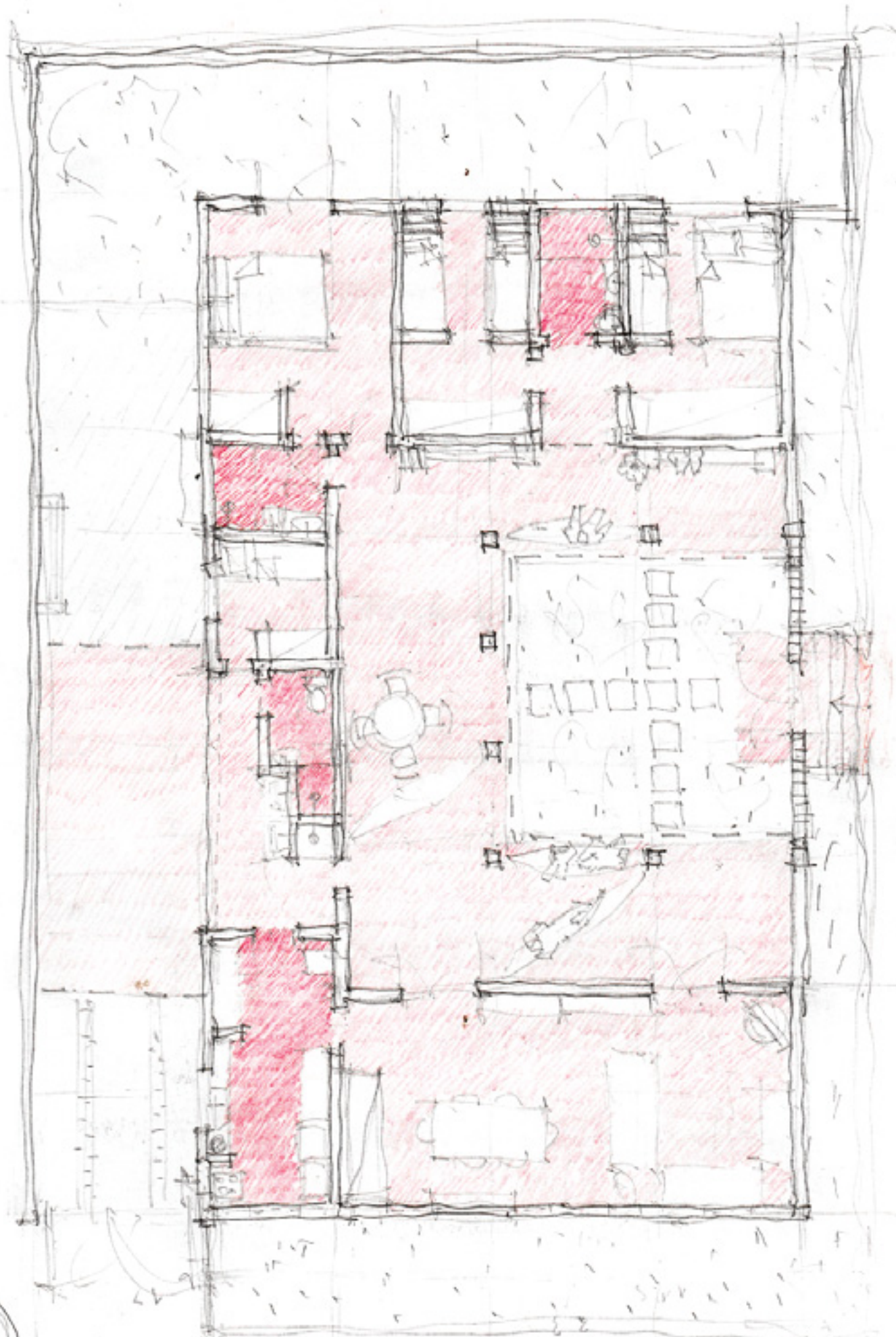


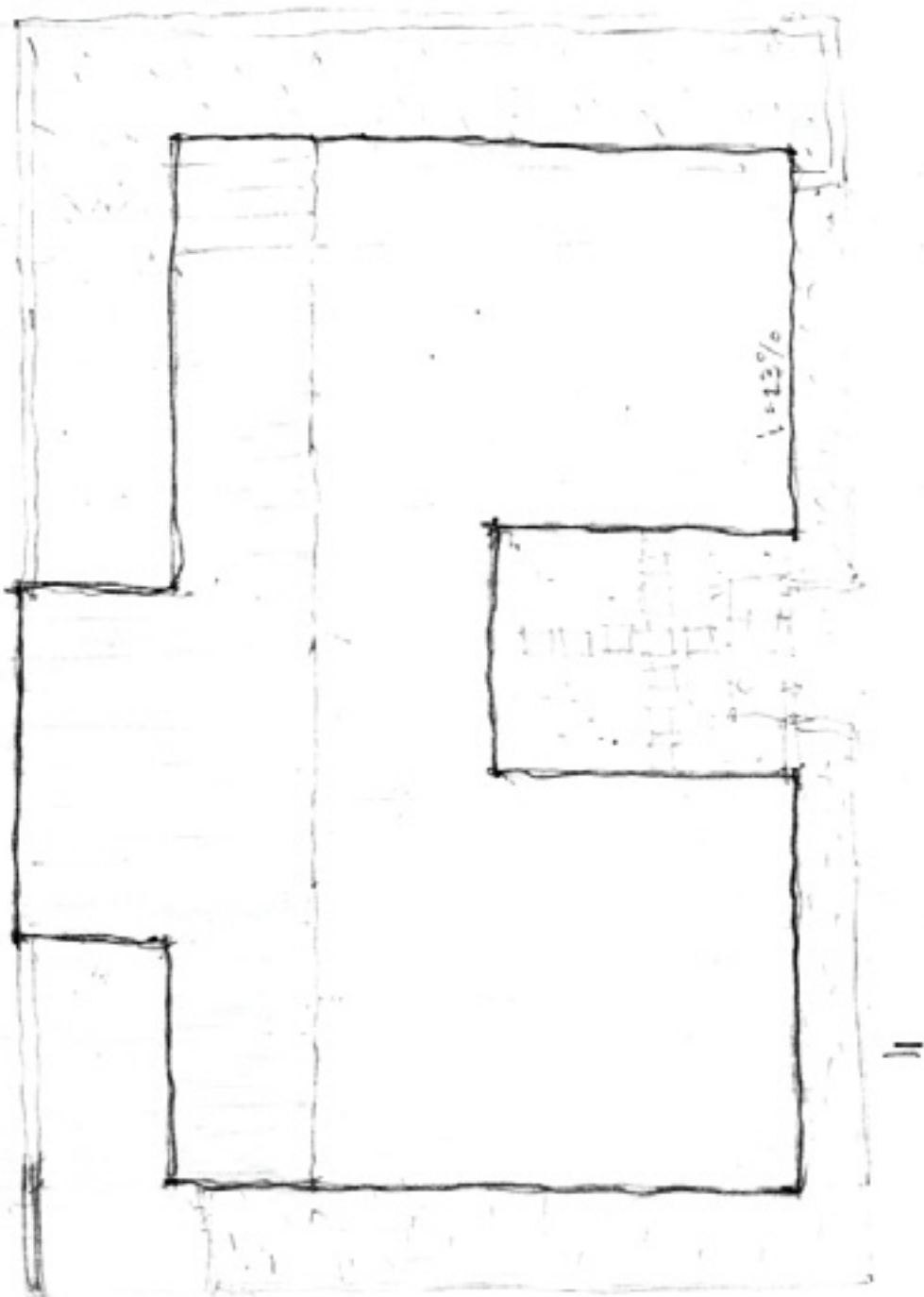
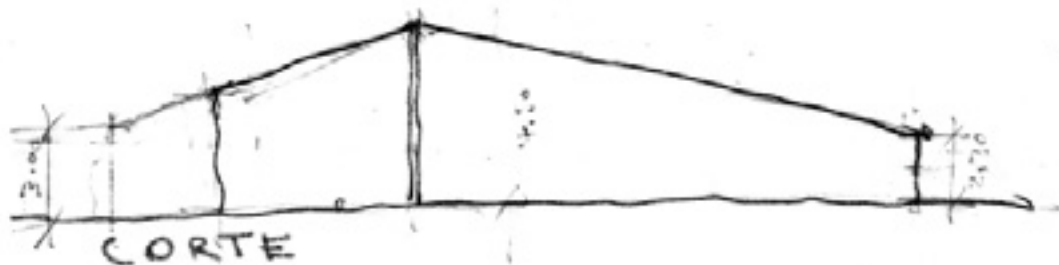






PLANTA BAIXA
S.E.





PLANTA COBERTURA
S.E.

SOBRE A ESTRUTURA DE MADEIRA: FORAM UTILIZADOS SEIS PERFIS DIFERENTES QUE, SOB A MAIOR ÁGUA DO TELHADO, FUNCIONA COMO DESCRITO A SEGUIR:

OS PILARES DE PERFIL QUADRADO DE 19,5 CM DE LADO SUPORTAM AS VIGAS DE 7,5 x 18 CM, PERMITINDO VÃOS DE ATÉ 3,80 m. NA SALÁ, PARA MANTER O VÃO LIVRE SEM PILARES, HÁ DUAS VIGAS DE TRANSIÇÃO QUE TRANSMITEM OS ESFORÇOS ATÉ AS PAREDES

JÁ SOB A ÁGUA MENOR DO TELHADO A ORGANIZAÇÃO SE ALTERA: O TRECHO ENTRE A CUMBEIRA E A PROJEÇÃO DA COZINHA RESPEITA AS REGRAS ANTERIORES MAS NA LAVANDERIA HÁ UM VÃO DE 4,50 m QUE É SUPORTADO POR UMA PEÇA QUE FUNCIONA COMO TERÇA DE PERFIL 20 x 25 CM A PARTIR DA QUAL DESCEM QUE DESCARREGA AS CARGAS NAS ALVENARIAS ADJACENTES. ENFIM, PARA VENCER O VÃO DA GARAGEM COM 2,5 m SÃO UTILIZADOS COMO CAIBROS O PERFIL QUE, ANTES, ERA USADO COMO TERÇA: 5,5 x 12 CM



"PILAR"
19,5 x 19,5 cm



"VIGA"
20,0 x 25,0 cm



"VIGA"
7,5 x 18,0 cm



"TERÇA"
5,5 x 12,0 cm

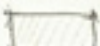
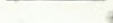


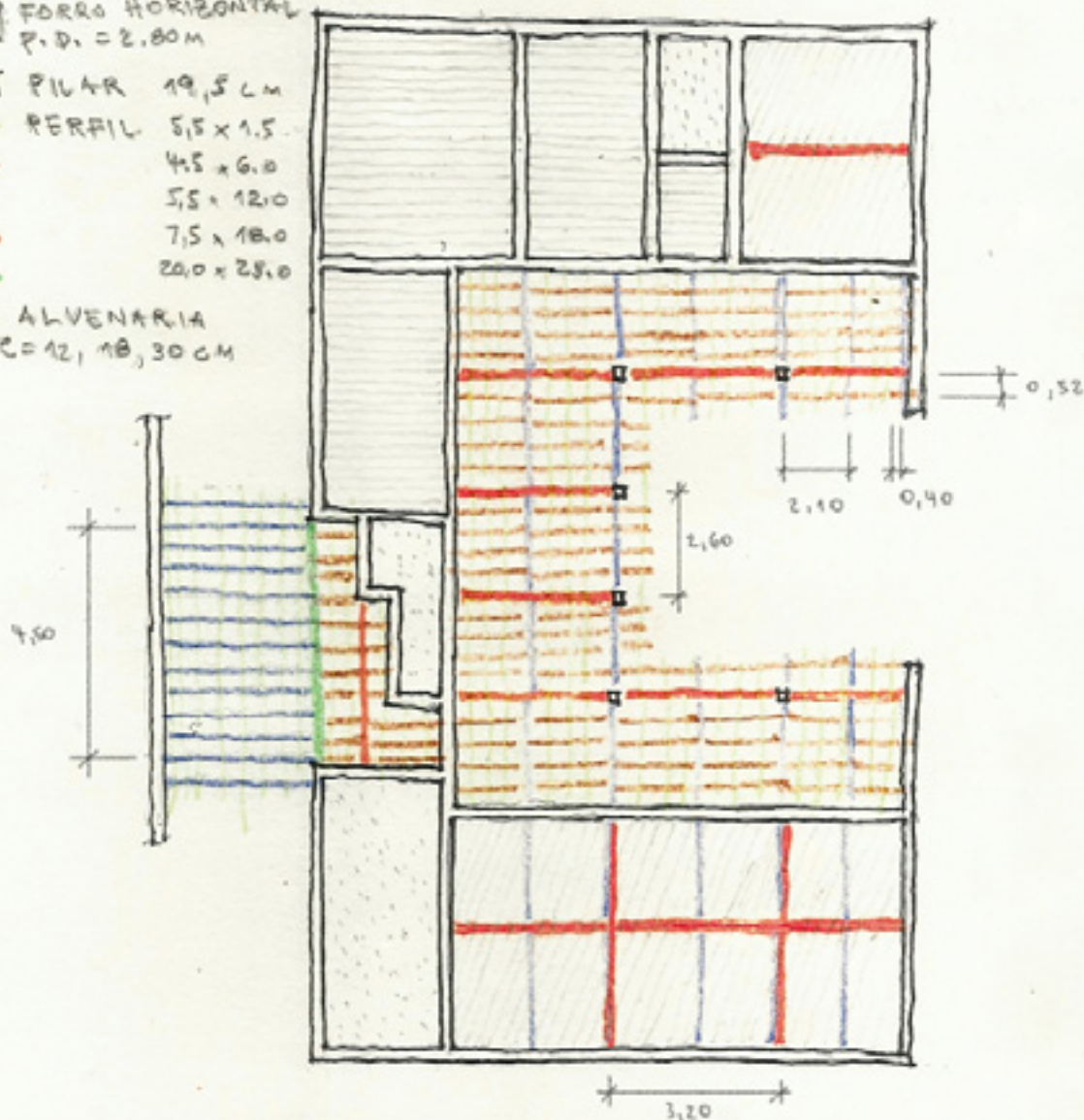
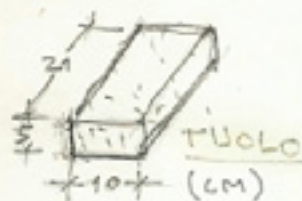
"CAIBRO"
4,5 x 6,0 cm



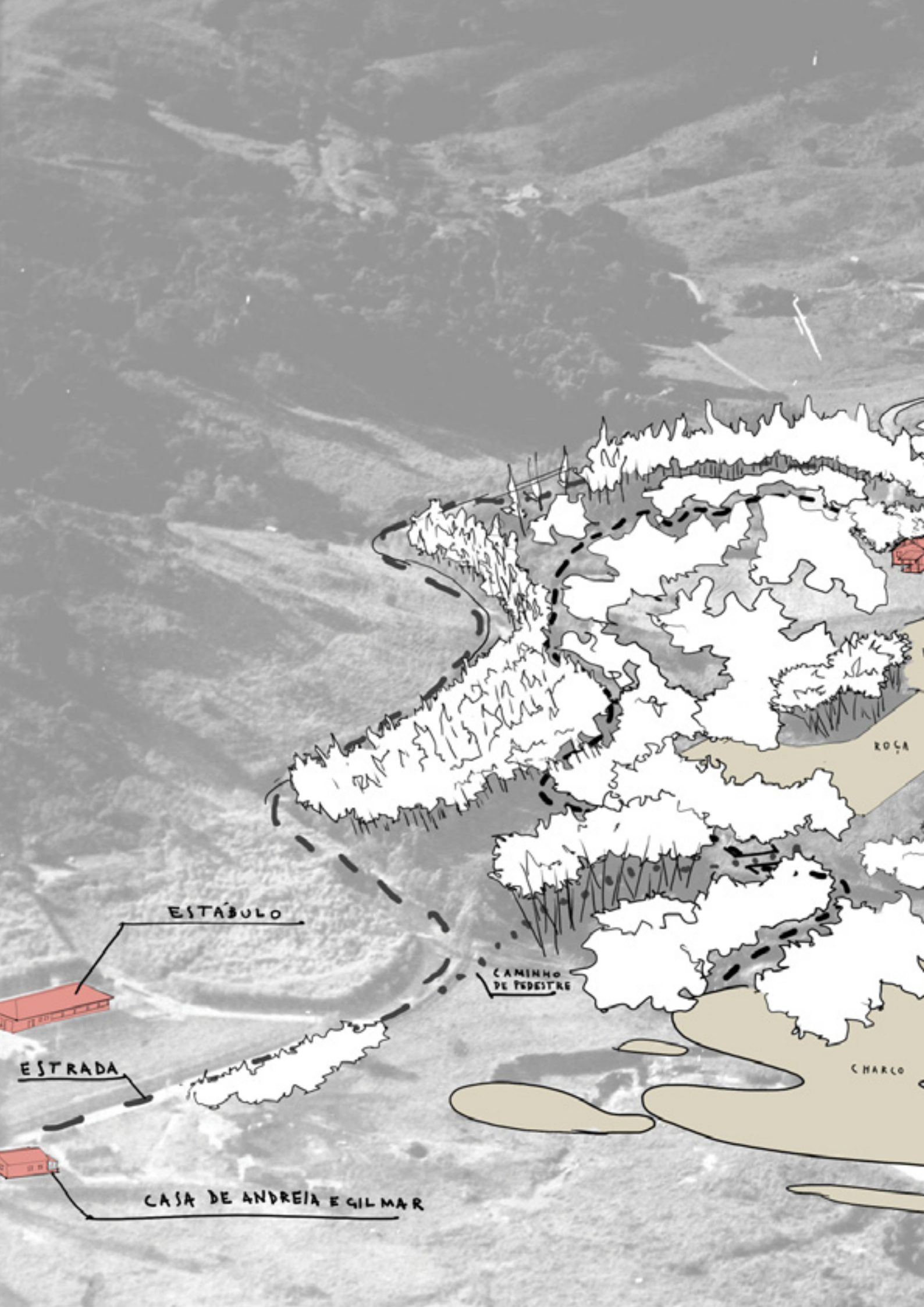
"RIPA"
5,5 x 1,5 cm

LEGENDA

-  LAJE CONCRETO P.D. = 2.80M
-  FORRO INCLINADO
-  FORRO HORIZONTAL P.D. = 2.80M
-  PILAR 19,5 CM
-  PERFIL 5,5 x 1.5
-  4,5 x 6.0
-  5,5 x 12.0
-  7,5 x 18.0
-  20.0 x 28.0
-  ALVENARIA
-  C = 12, 18, 30 CM



ESQUEMA UNIFILAR DA COBERTURA, FORRO E LAJE
S.E. MEDIDAS EM METROS



ESTÁBULO

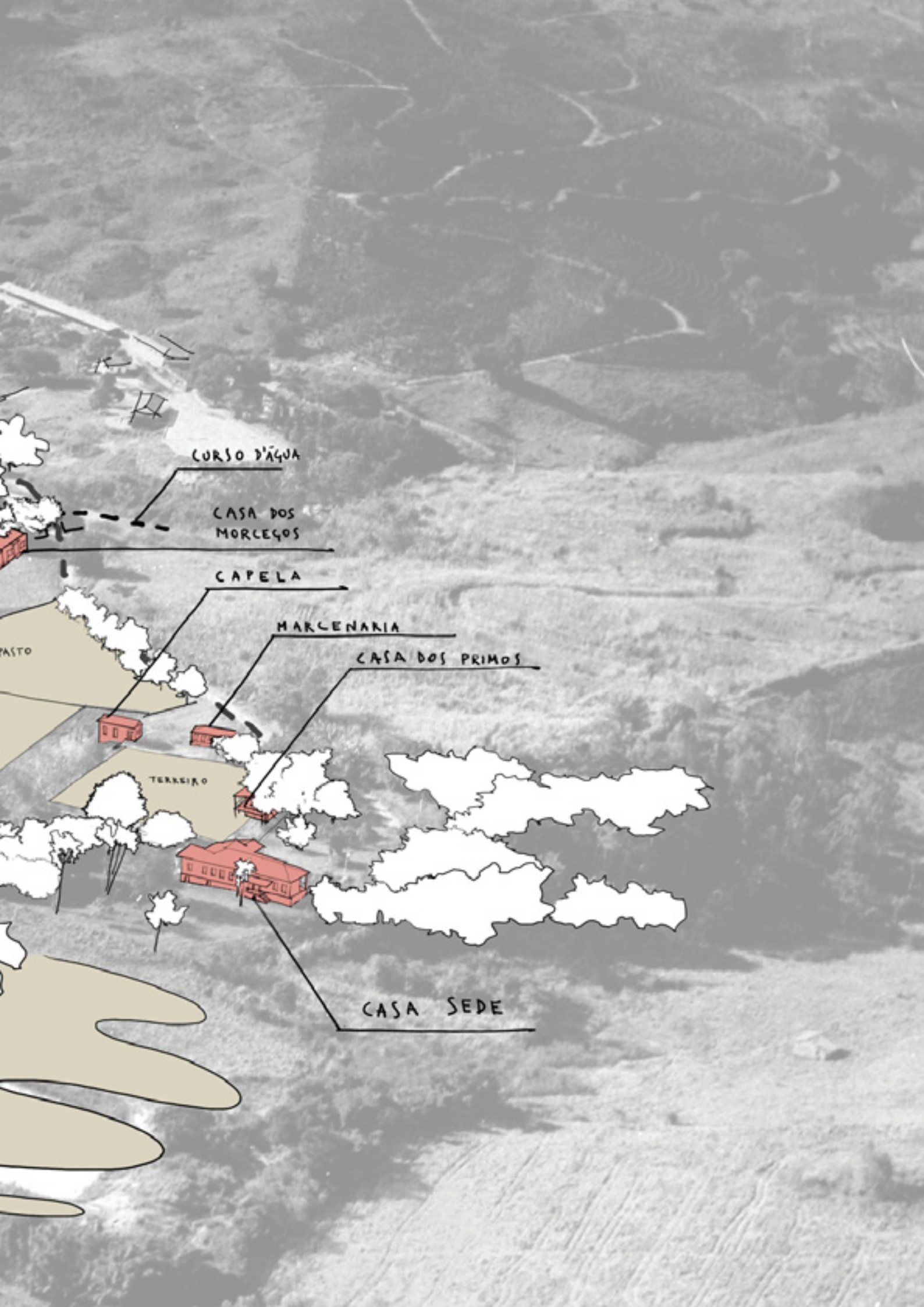
ESTRADA

CAMINHO
DE PEDESTRE

CASA DE ANDREIA E GILMAR

ROÇA

CHARCO



CURSO D'ÁGUA

CASA DOS
MORCEGOS

CAPELA

MARZENARIA

CASA DOS PRIMOS

TERREIRO

CASA SEDE

SÍTIO DOS IRMÃOS

São Paulo, Brasil
desde 2010

Mais ou menos em 2007 o antigo sítio da família do meu pai em São João da Boa Vista foi desapropriado e foi decidido entre a família que com o dinheiro da venda iríamos procurar outro local para fazer um novo sítio. A ideia era manter um local que pudesse comportar o encontro de todos os membros de nossa família.

Após um tempo encontramos um sítio entre um pouco mais ao norte chamado São José do Monte Alegre. Trata-se de uma terra situada entre morros, num pequeno vale próximo ao bairro do Pedregulho.

Após percorrer alguns poucos quilômetros de na terra a estrada acaba levando o viajante adentro do sítio - em virtude de um desmembramento da gleba original, a estrada atualmente corta parte do nosso sítio para dar acesso à outra propriedade. Primeiro se passa próximo ao morro oeste onde, à direita há a casa onde mora a família de Andreia e Gilmar, os caseiros. À esquerda, morro acima, há um pasto e um estábulo. Deste ponto já seria possível ver a casa sede além do brejo não fosse a vegetação alta que cresceu hoje entre estes dois pontos.





A estrada segue ao norte através de uma plantação de eucaliptos margeando o curso de um pequeno rio.

É interessante ressaltar que este percurso dá a volta no sítio e que neste ponto, por estar sobre um terreno um pouco mais alto, já é possível ver alguns sinais do sítio por entre a vegetação.

A trajetória do sol muda bastante a aparência desta paisagem: pela manhã a luz penetra entre as árvores de eucalipto e tingem o chão de rosa; ao passo que no final da tarde as árvores não são mais diretamente iluminadas porém seus troncos claros refletem a luz do céu e formam um véu azul claro que conduz ao longo da estrada.

O perfume das árvores e o som do curso d'água são presentes a todo momento.

Um pouco mais à frente, depois de algumas subidas e descidas, a estrada passa sobre uma vertente de água e faz uma curva para direita.

Neste local há duas porteiras: a primeira, logo depois da ponte, dá acesso ao sítio vizinho cuja propriedade, como já dito, pertenceu á nossa fazenda há muito tempo atrás.

A segunda porteira é a nossa. Ela é pintada das mesmas cores que a casa sede e ao seu lado há a placa com a imagem de uma garça e o nome: "Sítio dos Irmãos".









Além da nossa porteira a estrada passa mais uma vez sobre a vertente de mais algumas águas. Esta, diferente da anterior, tem pelo menos dois grandes contribuintes que vêm morro abaixo do leste. A passagem da água pela estrutura da ponte produz um som mais evidente que pode ser ouvido com clareza ao redor. Logo depois disso, à direita, quase que escondido por detras da mata, há a casa dos morcegos - uma construção em ruínas que hoje não abriga uso nenhum para nós além de depósito. Há indicações de que esta construção tenha sido usada como residência pela família de caseiros que trabalhava nesta terra há muito tempo atrás. Não há atualmente a intenção de ocupar esta casa. Sabemos que ela está em APP e que, para regularizá-la, precisamos comprovar a execução tenha precedido o ano de 2008 (LEI N° 12.65/2012).

Adiante a estrada segue em direção sul próximo ao morro leste. À esquerda há o morro, a linha de telefone, algumas bananeiras... à direita o vale: um pasto onde hoje ficam soltos os cavalos, a linha de energia que corre na direção do nosso vizinho, o rio, os eucaliptos, a estrada e o morro oeste.

Aqui os eucaliptos deram lugar a árvores de porte menor, com flores mais exuberantes e outras com frutos. A folhagem também é mais permeável e se pode ver através com muita clareza.





Enfim a estrada acaba. Aqui se passa por mais dois edifícios: o primeiro já abrigou uma escola rural e hoje e nós o usamos como marcenaria e o segundo era antiga tulha que agora é usada como capela - entretanto no seu porão ainda são entulhadas coisas. Em seguida há um espaço plano onde antigamente foi um terreiro de café. Quando chegamos no sítio havia uma quadra de tênis totalmente destruída. Como não jogamos tênis Decidimos demoli-la para construir uma nova casa para os primos, de tal forma que todos possam passar mais tempo lá juntos com mais conforto. Especialmente agora que as novas gerações estão nascendo. À oeste, em direção ao rio, hoje fizemos uma roça e tentamos reflorestar a margem do rio que passa pela nossa terra.













Só então se chega na sede, cujo edifício consta nos registros publicados por Carlos Lemos no seu livro Casas Paulistas como datando de 1846. Desde lá esta casa já passou por diversos proprietários e abrigou uma diversidade de usos. Hoje ela compreende os quartos dos meus pais, tias, tios, primos e primas e demais membros da família que lá habitam.

Trata-se de uma casa bem ampla. Sua estrutura é de taipa e, com excessão da parte da cozinha e escritório, o piso da casa é todo em assoalho sobre porão. Sua varanda leste se conecta com a sala e desta se pode chegar aos demais quartos e ambientes.

Por fim há a varanda oeste, a mais nobre, com vista para a entrada do sítio, não fosse o mesmo brejo que foi mencionado agora há pouco.

afluente do Jaguarimirim que, por sua vez é um afluente do rio Mojiguaçu que, por sua vez é do Pardo, Grande, Paraná e Prata. Terminando por fim no oceano atlântico.

DESENHO PLANTA CARLOS LE MOS





03_CASAS PROJETADAS

Após todos estes estudos o trabalho se traduz num ensaio díptico de projeto no qual eu penso duas casas: uma urbana e outra rural.

A primeira a ser apresentada aqui, a urbana, tem como objetivo transpor uma série de características presentes, sobretudo na **casa de Ubatuba**, e transpor-las à uma situação dentro da cidade. A segunda casa se dá devaneio sobre uma possível reforma da já apresentada **casa dos morcegos** no Sítio dos Irmãos.

Para entender a diferença entre estas duas casas eu irei recorrer ao Bruno Zevi:

“O caráter de toda obra arquitetônica é determinado, quer no espaço interior; quer na volumetria das paredes, por um elemento fundamental, a escala, isto é, a relação entre as dimensões do edifício e as dimensões do homem.”

ZEVI, Bruno - Saber Ver a Arquitetura - p. 49

E eu diria aqui, de maneira mais ampla, em relação também ao mundo. Estes espaços prestes a serem representados aqui refletem além dos meus hábitos, imaginário, valores, etc. representam também minha maneira de ver o mundo, de pensar como estes indivíduos que estão dentro e fora das casas tecem suas relações entre si e com o universo à sua volta: seja ele a cidade ou campo. E penso enfim como a arquitetura projetada poderia atuar como filtro ou possibilitador desta construção.

Me motivou pensar como, em um lote de esquina, na dualidade entre as diferentes fachadas, conseguiria proteger a intimidade individual de cada habitante da casa ao mesmo tempo permitindo ampla vivência entre eles; como isola-los do mundo externo nos momentos que penso mais propícios para em outro momento se abrir para a rua. Ou quando, em outro momento, procuro de forma mais intensa trabalhar a relação do projeto com o existente - seja com edifício e a sua memória no seu entendimento mais genérico; seja com o local geográfico, a fauna e flora, relevo, etc.

No fim a intenção é de transparecer, por meio de uma série de textos e peças gráficas, algumas características da minha maneira de pensar a arquitetura.

“Quando comecei a dar aulas a este grupo de alunos, eu já havia encontrado uma espécie de propósito. Para mim não bastava que adquirissem conteúdo, mas a possibilidade para eles assumirem uma nova sensibilidade. [...] Portanto, a primeira coisa que era preciso nesse diálogo era mostrar que nenhuma competência técnica lhes podia fazer crer que tinham direito de, digamos assim, estar autorizados a fazer algo tão íntimo como desenhar uma casa e ao mesmo tempo algo público que é desenhar uma cidade.

[...]

Existe sempre esse pressuposto de que o meio ambiente começa fora de nós, é exterior, é aquilo que nos rodeia, porém também somos o meio ambiente [...] A primeira coisa que eu precisava era [...] fazê-los esquecer essa arrogância de que nós seres humanos fomos os primeiros a desenhar e construir estruturas.

[...]

O corpo humano alberga cem trilhões de bactérias, 10 vezes mais que as células que podem ser considerada humanas.

Chegando ao ponto de que a biologia casa com a arquitetura, esses micro-organismos não se distribuem de uma maneira aleatória; há ali uma lógica, uma arquitetura delicada que faz com que eles ocupem esse nosso interior e exterior como se fossem comunidades que vão ocupando uma cidade.

A complexidade dos organismos vivos não está só na sua estrutura, mas na maneira como a estrutura determina e possibilita que hajam relações e conexões.

Num desses trabalhos [de campo] eu estava numa floresta, no centro Moçambique. Nesse contexto, quando perguntei a um camponês onde é que nascia um riacho rónimo que era afluente do rio Savana [...] [o camponês] explicou de uma maneira muito curiosa, apontando com a mão virada, arredondando o gesto e com a mão entreaberta. O que significa que ele se dirigia ao rio ou a nascente do rio como uma entidade viva, como se apontasse que aquele é um ser vivo. Mas quando ele apontou, apontou na direção oposta do que prevíamos e disse: ‘- Esse rio não nasce lá, nasce aqui’. E nós: ‘Então caminha pra onde?’ Isto é, ele estava mostrando um caminho oposto do que estávamos seguindo que era da foz para nascente e agora, da nascente para a foz. E não era um erro dele, porque quando perguntamos a outros, todos repetiam e confirmavam a informação.

Não é o movimento da água que conta, o que conta é a denominação dos seres. E no caso, os camponeses compreendem a família como núcleo organizador do mundo. Naquele universo rural a família é a grande nação, é o núcleo que estrutura todo o cosmo em uma geometria completamente diferente da qual estou acostumado. Para eles há relações de parentesco: há rio-pai e rios-filhos.”

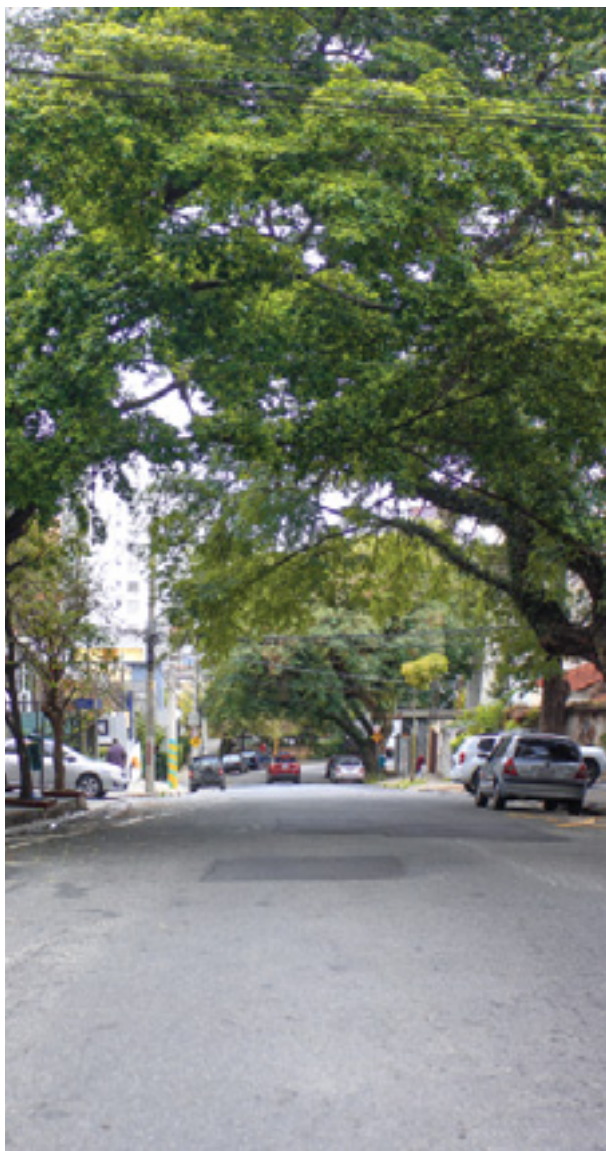
CASA URBANA

Rua Isabel de Castela
São Paulo, Brasil, 2018

Este projeto surgiu no meu imaginário há muitos anos. Eu diria que seu princípio se deu logo quando saí da casa da minha tia e comecei a morar sozinho. A ambiência no bairro onde eu moro se intensificou e meus hábitos diários começaram a se consolidar de acordo com os trajetos que fazia na vizinhança.

Ao longo do tempo fui imaginando situações que gostaria de ter na minha casa e que não eram possíveis dada a realidade do meu apartamento: vistas, espaços, luzes, etc - ou até encontros, desencontros e eventos.

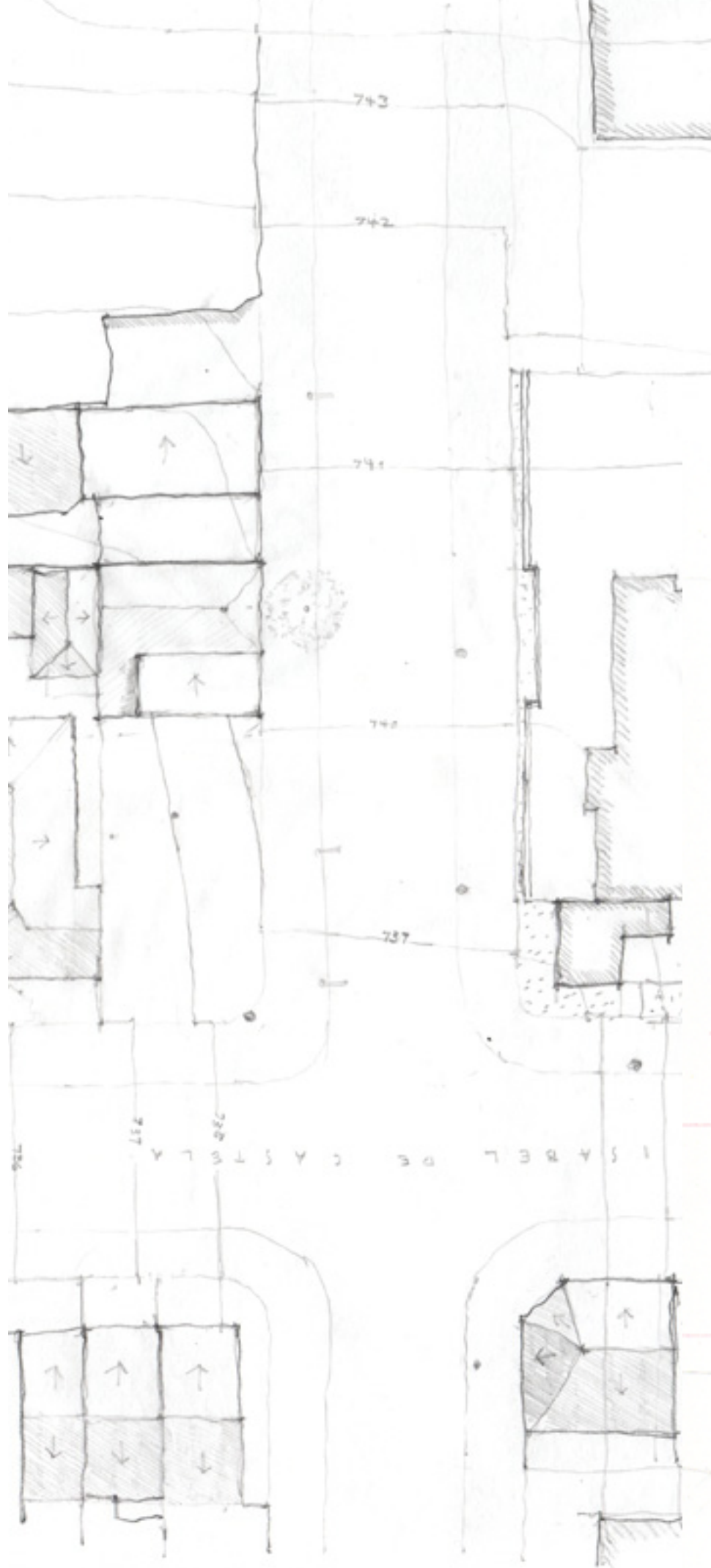
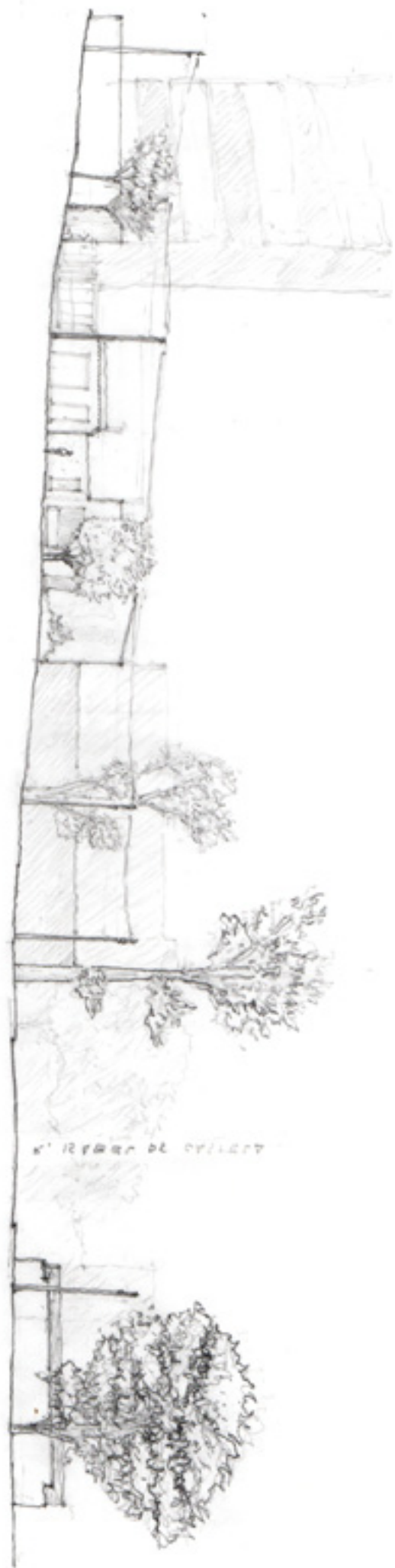
Como nunca me imaginei vivendo sozinho pensei em uma casa com dois quartos. Pensei num cenário no qual eu moraria com algum amigo com o qual dividiria todas as responsabilidades diárias.





Imagens

p.68 vista da elevação do lote pela rua Isabel de Castela; vista da mesma rua nos quarteirões respectivamente de cima e de baixo;
p.69 vista da esquina do lote; vista da rua Ourânia; vista da esquina mostrando lotes adjacentes e vegetação.
p.70 elevação da rua Ourânia e implantação
p. 71 planta no nível 737.0 m

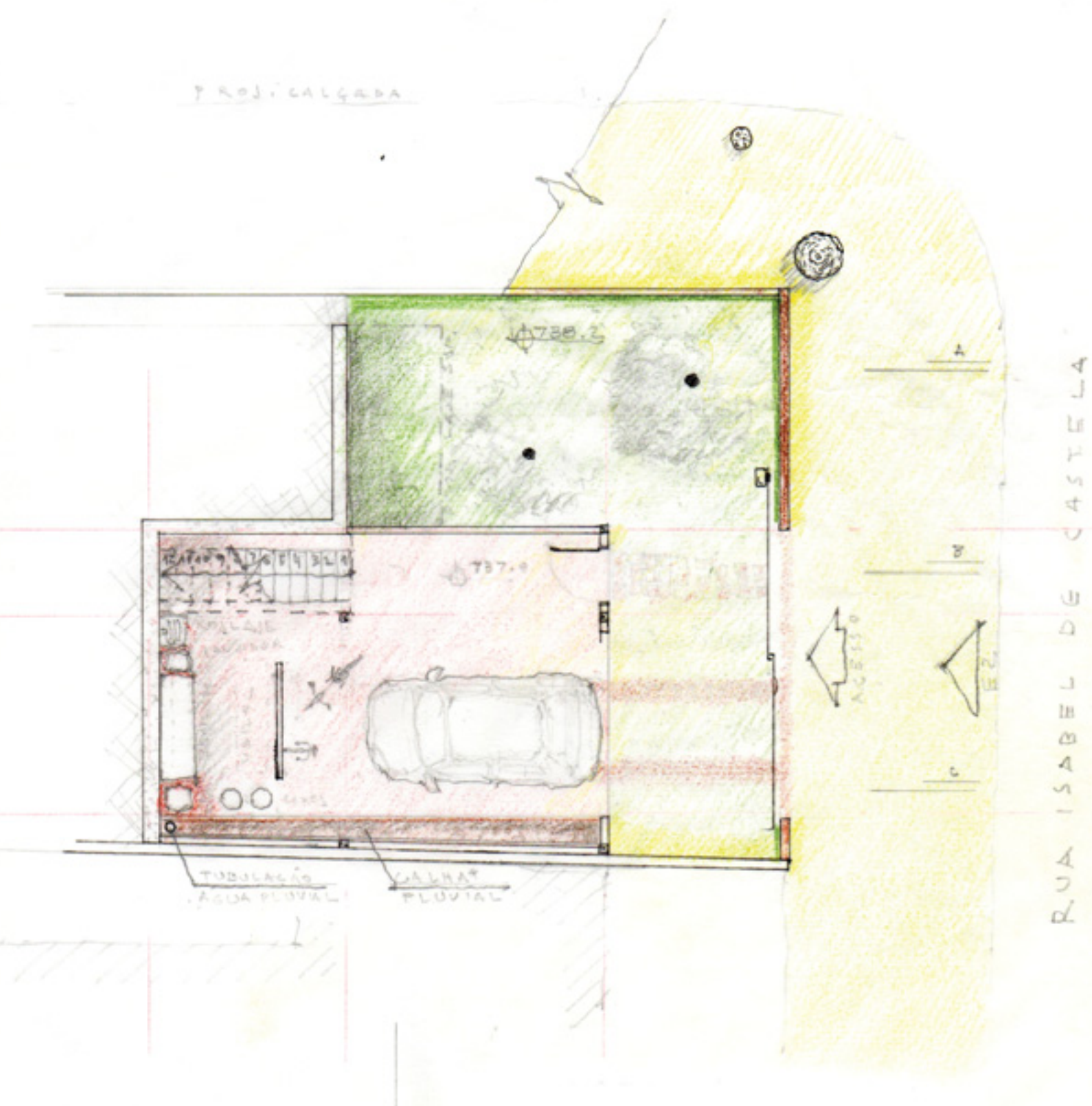


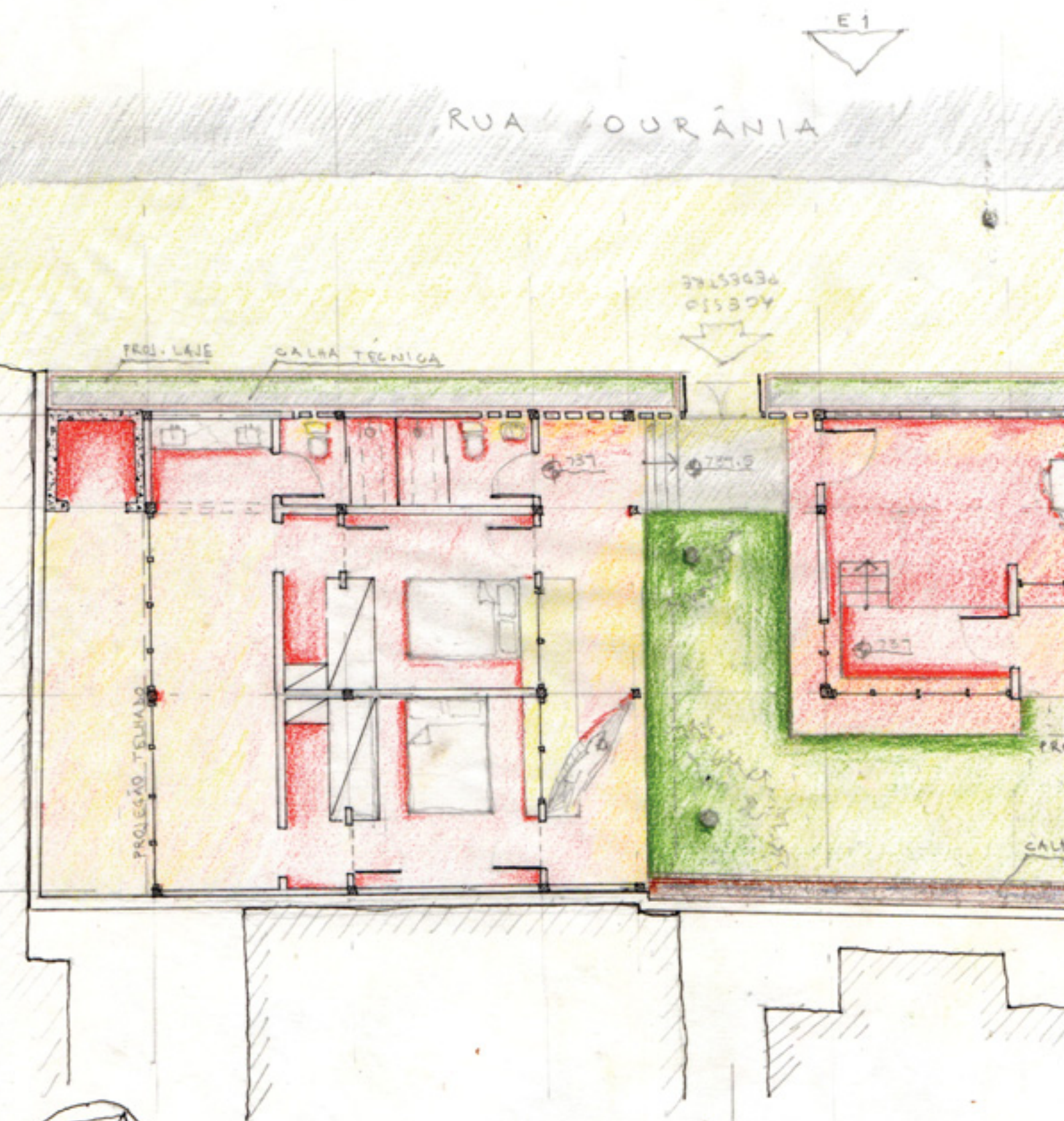
Procurei neste projeto lidar com as relações que o edifício tem com a rua enquanto, em dado momento tento proteger e isolar o haitante do mundo exterior e em outro abro a casa para a rua e busco uma relação mais direta com o que acontece fora da casa.

A fachada junto à rua ourânia é mais sóbria: concentrei as áreas molhadas junto da divisa do lote, com janelas altas, negando um visual com a rua e resguardando a área dos quartos. Na esquina e na rua mais movimentada eu posiciono a cozinha - que se abre numa varanda e jardim em

direção à rua. Desta forma aquele que está, por exemplo, cozinhando ou fazendo algum serviço neste local pode facilmente perceber o movimento alheio à casa; ouvir os carros passando ou pessoas conversando enquanto se dirigem ao ponto de ônibus.

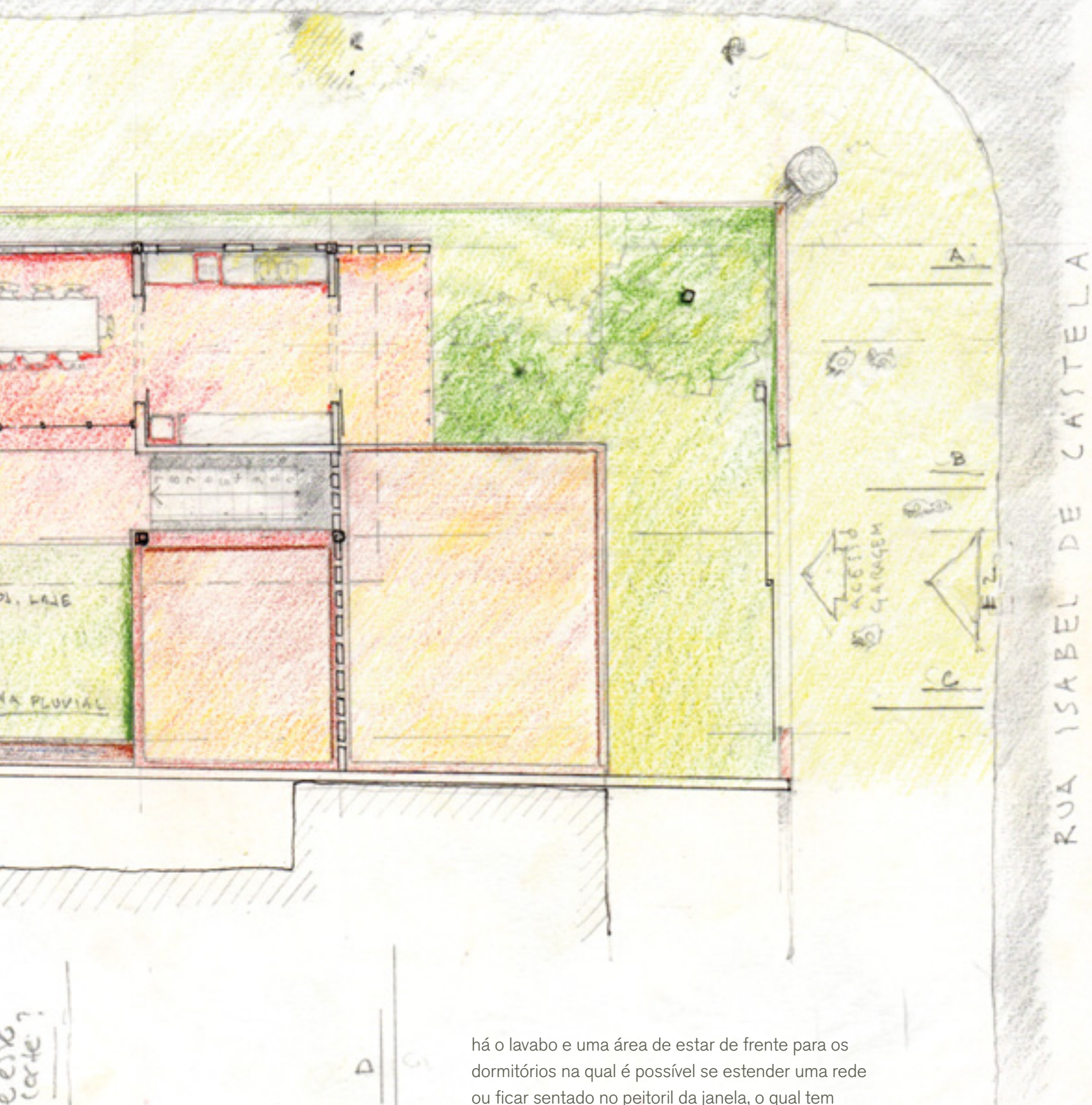
Da varanda é possível ainda observar a paisagem urbana por sobre a laje da garagem: o terreno está numa cota alta e esta vista se volta para o vale, de forma que se pode ter uma noção clara da topografia na qual a vizinhança está inserida.



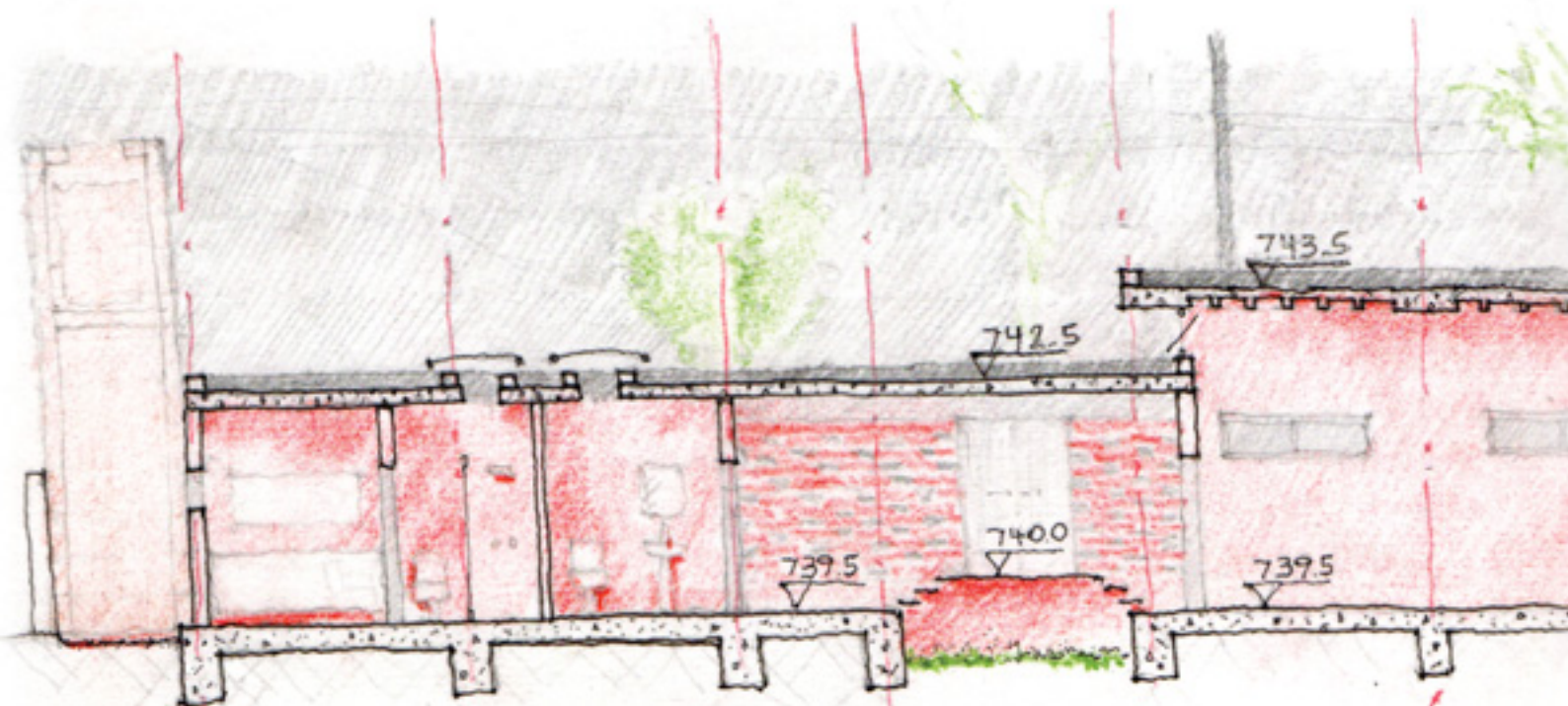


O edifício se divide em, basicamente, duas partes: a primeira, à leste, possui uma estrutura de madeira que sustenta uma cobertura de telhas com uma água que abriga os ambientes mais íntimos da casa. A segunda se organiza sob uma laje treliçada e comporta os usos mais sociais. Articulando estas duas partes há um pátio com jardim central.

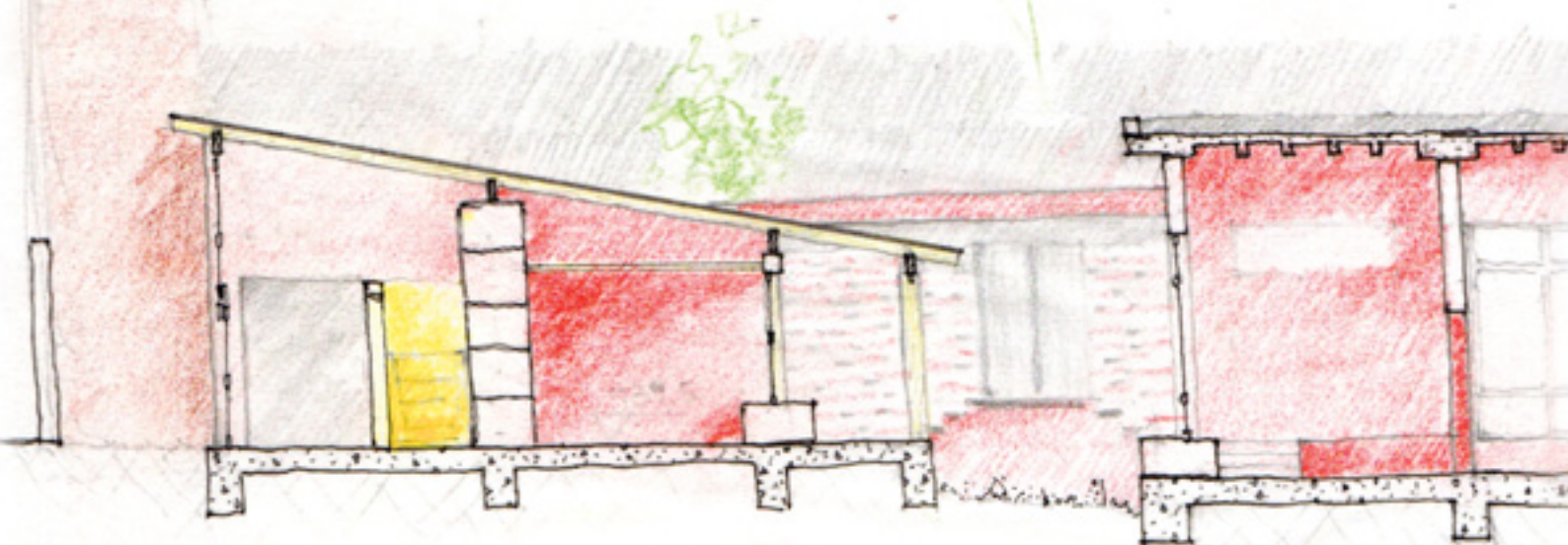
Na rua Ourânia há a entrada social. Ao entrar por ela o usuário pode ou, de um lado, a sala de estar e cozinha, ou do outro, os quartos. Junto deste último



há o lavabo e uma área de estar de frente para os dormitórios na qual é possível se estender uma rede ou ficar sentado no peitoril da janela, o qual tem uma altura suficiente para ser usado como banco do lado de fora e como criado mudo do lado interior. Os dormitórios se assemelham à alcovas. São pequenos, com um forro baixo de 2,5m e tem dimensão suficiente para alocar somente uma cama de casal. Cada quarto tem seu próprio closet que se comunica com uma sala exclusiva dos quartos, na qual podem ser realizadas atividades que requeiram mais privacidade.



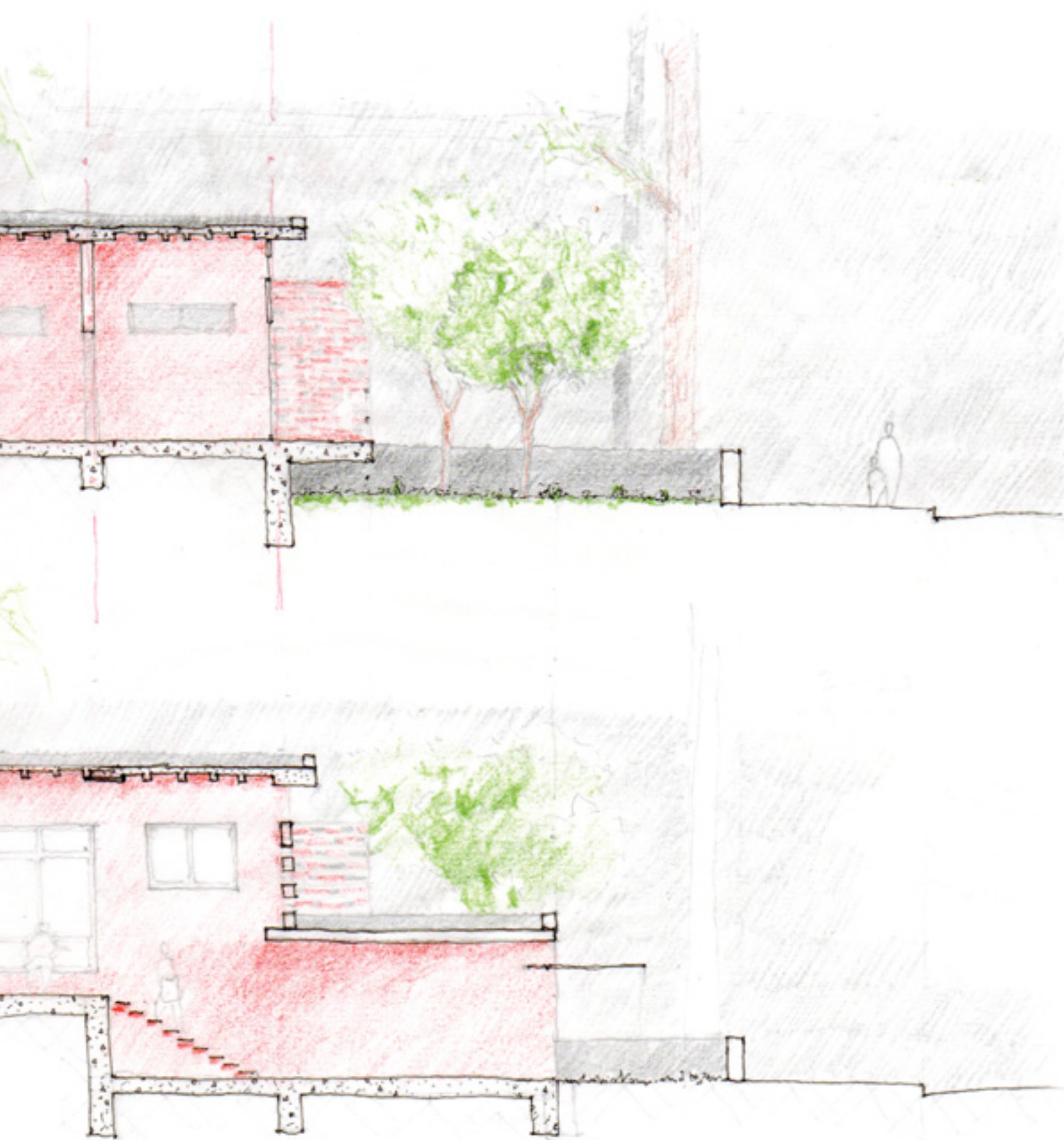
CORTE A
1:100



CORTE B
1:100

Na rua Isabel de Castela, 1,5m abaixo do outro acesso, há um jardim que ocupa o recuo que se alinha com o do vizinho. Aqui foi colocada a garagem que tem espaço suficiente para um carro. Neste mesmo ambiente há também uma parede baixa na qual podem ser colocadas bicicletas e ferramentas. Do outro lado desta parede se organiza o espaço de serviço voltado para lavar roupas.

Aqui há também uma escada que dá acesso ao nível superior, sempre coberta pela laje. Uma vez no pavimento de cima é possível deixar, por exemplo, as compras junto



da janela que olha a sala de jantar (que está 50cm mais alto que o piso onde o usuário se encontra) e então adentrar para o ambiente que lhe convier.

Junto do recuo na fachada da rua Ourânia foi pensada uma calha técnica na qual passariam todas as tubulações hidráulicas pela facilidade de manutenção. Do lado oposto, junto da divisa com o lote vizinho, aproveitando o desnível do terreno, pensei uma calha para captação de águas pluviais.

CASA RURAL

São João da Boa Vista, Brasil, 2015

O segundo projeto pensa reforma da já mencionada casa dos morcegos no sítio da minha família. Trata-se de uma construção antiga, quase em ruína, erguida em alvenaria, com estrutura em madeira para a cobertura - que se projeta nas paredes leste e oeste em beirais de cachorrada. Há ainda a presença de, na face sul, um pequeno alpendre com cobertura bem baixa. Pode-se dizer que é uma típica casa bandeirista como descrita por Luis Saia. (Moradas paulistas, 1972, p. 73)

O acesso principal está voltado para a estrada, à leste, sob um pequeno - e já destruído - alpendre que se estende um pouco além do beiral. Por ele se entra em um pequeno ambiente de aproximadamente 3 x 3 m. Este, por sua vez, se comunica com dois supostos quartos, cada um com sua janela.



Imagens

p.76 vistas sudeste e leste; vista da ponte antes de chegar à casa e logo após perpassar a vegetação sobre o edifício.

p.77 alpendre; vista de parte da fachada oeste; detalhe da abertura do banheiro.

p.78-79 vista do caminho que leva até a sede olhando a fachada sudeste.









Há ainda um segundo acesso que se dá através do alpendre na face sul. Sua cobertura está abaixo daquela cobre a casa e sua altura mede aproximadamente 1,80m no lado mais baixo. Sob este mesmo lado há três colunas de alvenaria que sustentam a estrutura de madeira e uma mureta baixa entre elas. Ao lado da porta há uma pequena bancada e um tanque.

Sob a cumieira do telhado há a parede que divide os primeiros três ambientes do espaço da cozinha: medindo aproximadamente 3 x 6 m, ela liga o alpendre - na face sul - com o interior da casa. Adjacente ao acesso há, de um lado, o que um dia foi usado como fogão à lenha e, do outro lado, uma pia e bancada. Junto à face norte há um pequeno cômodo com somente uma janela basculante que julgo um dia ter sido usado como despensa. A porção da casa mais à oeste parece ter sido construída posteriormente: o seu piso está cerca de 20 cm abaixo da cota do restante da casa (com excessão do alpendre). Além disso, ao olharmos as fachadas norte e sul percebemos a simetria que foi quebrada pela adição desta parte. Junto da parte sul há um banheiro que é acessado por um pequeno corredor. Na parte norte há um ambiente que parece ter sido uma sala, especialmente pelos restos de um móvel que ainda resta no chão.

É interessante notar que estes últimos dois espaços, se foram de fato frutos de uma intervenção posterior à obra original, visavam atender uma demanda por espaços que não haviam na casa original. As necessidades fisiológicas eram feitas em dependências externas à residência e a planta original não tinha um espaço interno com características e dimensões próprias para, por exemplo, reunir um maior número de pessoas.

Há ainda de se destacar outro fenômeno: durante minha primeira visita à casa dos morcegos eu logo percebi a limitação de representação das minhas fotos: já era mais de 13h e o sol não iluminava mais as faces externas do edifício. No início me desanimei mas logo ao adentrar a cozinha percebi o potencial que antes seria impossível perceber. O sol, vindo do oeste, entrava através de pequenas aberturas nas telhas e criava um intenso jogo de luzes e reflexões nos espaços internos. Sobre a suposta sala de estar há uma enorme abertura no telhado pela qual os galhos das árvores crescem e cujas folhas filtram a luz solar e aqui - mais intensamente que na cozinha - percebi um grande potencial de projeto.



Imagens

p.80 vista interna da antesala, um quarto à esquerda e a cozinha aos fundos; vista da cozinha olhando para o norte. À esquerda a sala, aos fundos despensa e à direita quartos; p.81 vista para corredor que dá acesso ao banheiro; vista para antesala e contraventamento sustentando um anteparo para impedir entrada de animais na casa; vista externa da entrada leste mostrando o beiral de cachorrada e as ruínas do alpendre que cobria o acesso; detalhe do beiral sul mostrando ponto de energia; detalhe interno da estrutura de transição da cobertura; vista da cozinha olhando para sul mostrando o fogão à lenha, pia e, aos fundos a porta que dá para o alpendre; à esquerda os quartos e à direita corredor; vista da porta de acesso à sala mostrando o telhado da sala em ruínas; p. 82-83 vistas da sala olhando respectivamente para sul e norte.





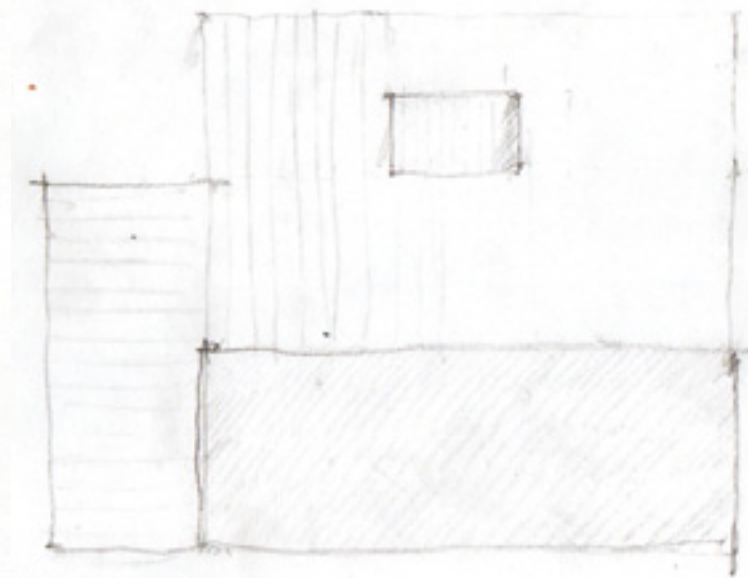


Analisando a planta da fica claro logo de início a organização tripartida da casa. Esta se deve principalmente em função da estruturação da cobertura que está, sempre que possível, apoiada sobre a alvenaria.

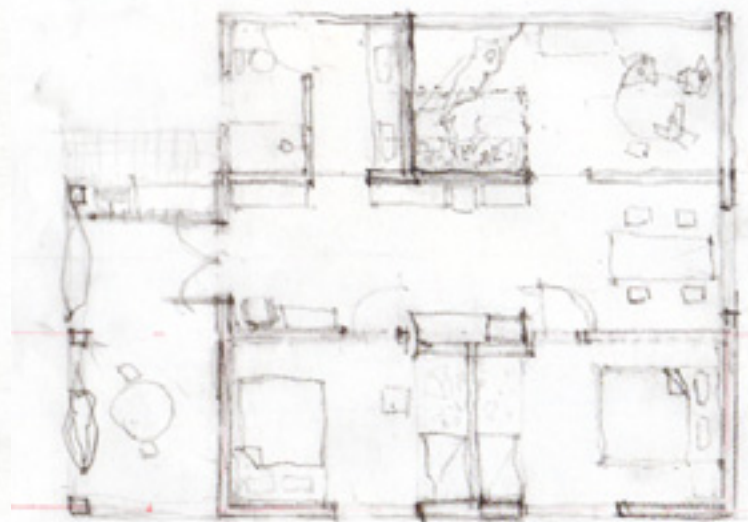
No primeiro estudo para este projeto eu parti de dois desejos claros: o primeiro, em relação aos quartos, advém da forma como a implantação da casa conduz à escolha de mante-los junto à fachada leste. Esta decisão confere algumas características inegáveis à este aposento: ao se voltar para estrada o quarto está em uma posição privilegiada do ponto de vista da vigília. Aquele que estiver ali repousando poderá ouvir com clareza o movimento que por ventura acontecer diante da casa. Desta forma decidi substituir as pequenas janelas industrializadas que estão lá hoje por janelas maiores, cujo peitoril esteja há 50 cm de altura em relação à laje da casa, de tal forma que estas aberturas, apesar de não serem portas, possam ser facilmente transpassadas, tornando-se elementos de transição entre o mundo interno e externo.

O segundo desejo surgiu no momento em que vi o telhado em ruínas da suposta sala executada posteriormente. Desde este momento comecei a imaginar soluções para manter a sensação que me gerou aquela presença do verde e da luz zenital se projetando através das folhas das árvores. Senti que aquela era a sensação que podia traduzir o propósito de estar no sítio e, de certa forma, habitar uma casa nele: não é para se isolar do mundo externo mas sim para potencializar nossa relação com ele. Trata-se de evidenciar os fenômenos através dos quais o usuário se relaciona com a natureza presente ao seu redor.

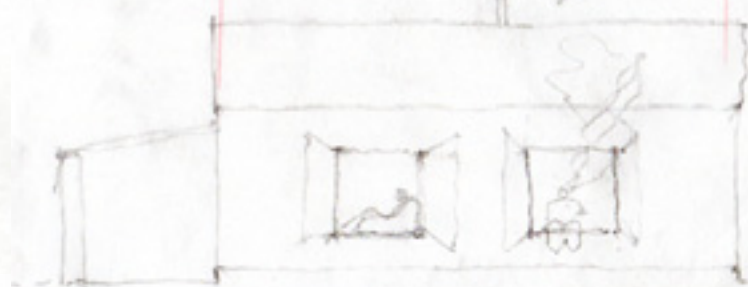
Em um primeiro momento pensei, em cruar uma água invertida na sala para fazer com que parte do escoamento pluvial caia num jardim interno. Posteriormente abandonei esta ideia em detrimento da supressão das telhas sobre parte do telhado, deixando aparente os caibros e as ripas, remetendo à



PLANTA COBERTURA



PLANTA BAIXA



ELEVÇÃO LESTE

ABERTURA

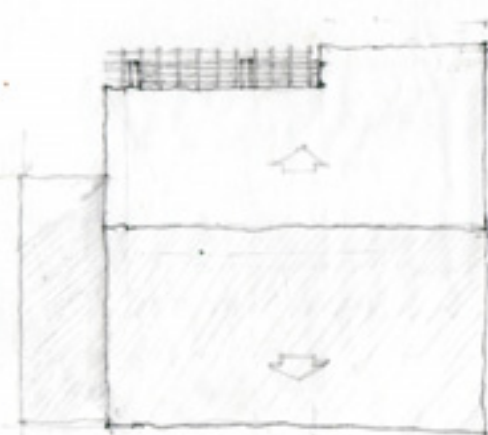
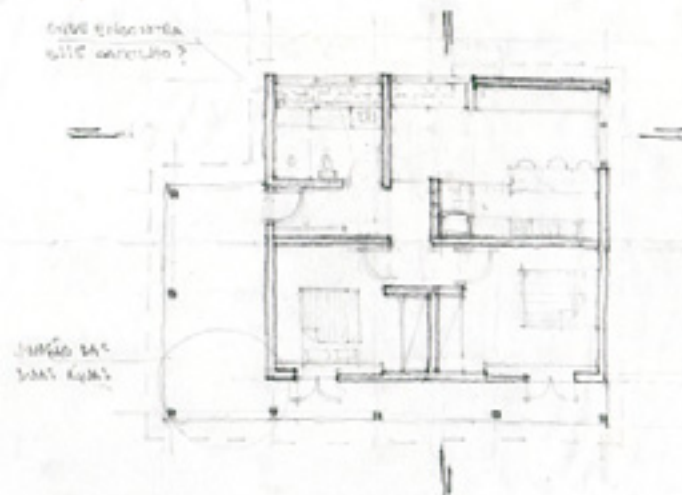
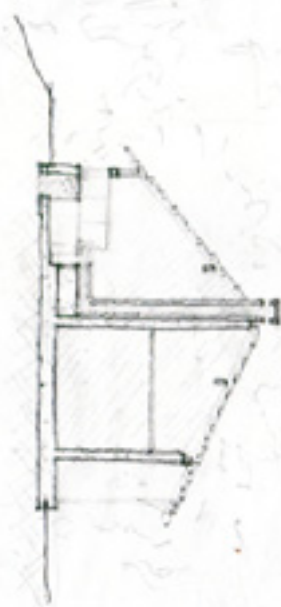
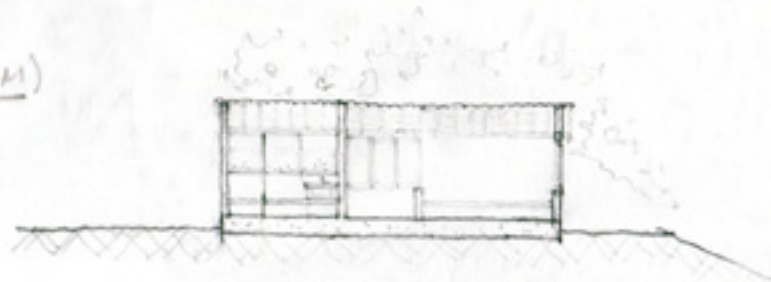
- ILLUMINAR COZINHA COBOCO(?)
- ILLUMINAR SALA ESTAR
- ÁGUA JB. INTERNO



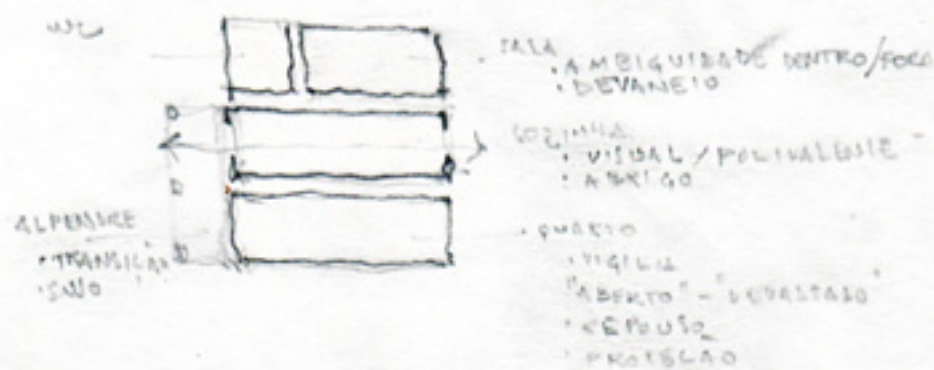
CORTE



- "MANTER E REHABILITAR"
- FOGÃO CENTRO DA CASA
- SUPRIMIR ENTRADA PRINCIPAL
- REITORIS h=75 cm → COZINHA
- SALA ESTAR c/ JARDIM INTERNO
- QUARTOS 4 LESTE (SIM)



→ PLANTA TRIPARTIDA

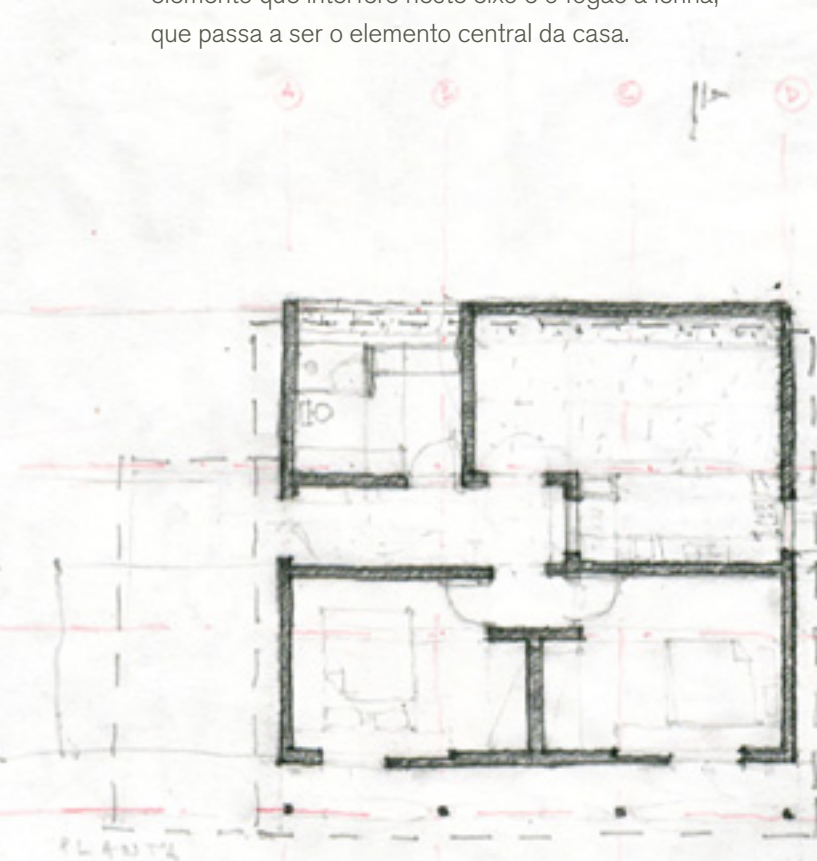


memória das ruínas que ali estavam.

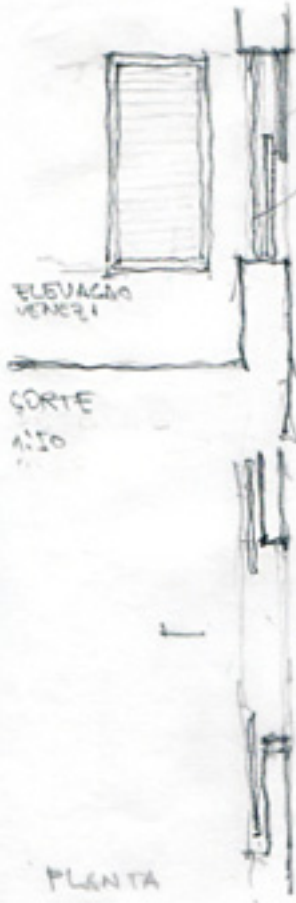
A solução dada para os quartos também se alterou ao longo dos estudos: a vontade de criar um pequeno alpendre defronte para os quartos sucitou uma alteração na estrutura tripartida da casa. Os quartos se deslocaram para além da projeção da cumeeira, causando uma perturbação na lógica estrutural da casa mas criando um ambiente mais funcional.

Logo em seguida eu descartei essa possibilidade em detrimento da estruturação tripartida. A decisão de suprimir o acesso leste possibilitou que os quartos se ampliassem e consolidar o alpendre como o espaço oficial de transição e acolhimento. Ali seria possível colocar cadeiras para se descalçar as botas sujas e deixá-las junto ao tanque - que decidi por bem manter - ou estender redes para descansar em tardes quentes de verão e observar o pasto que se estende em direção ao restante do sítio.

A cozinha estabelece um eixo que cruza a casa e, diametralmente oposta à porta de entrada, na fachada norte, posicionei uma abertura com peitoril médio que emoldura a natureza exterior. A estrutura de transição do telhado pode facilmente ser suprimida com caibros que vençam o vão de 2,80 m da cozinha, o que livra o espaço e reforça o eixo visual deste espaço. O único elemento que interfere neste eixo é o fogão a lenha, que passa a ser o elemento central da casa.



0 1



JANELA GUICHOTINA
SE DUAS FOLHAS
COM VIDRO E UMA FOLHA

JANELA DE CORREIO
DUAS FOLHAS VIDRO

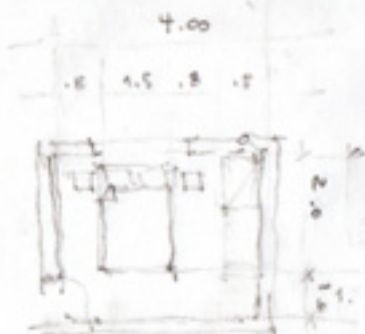
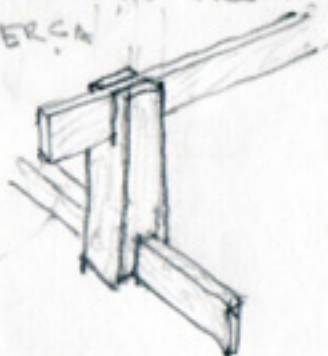


AMBIVALENCIA
DOS AMBIENTES

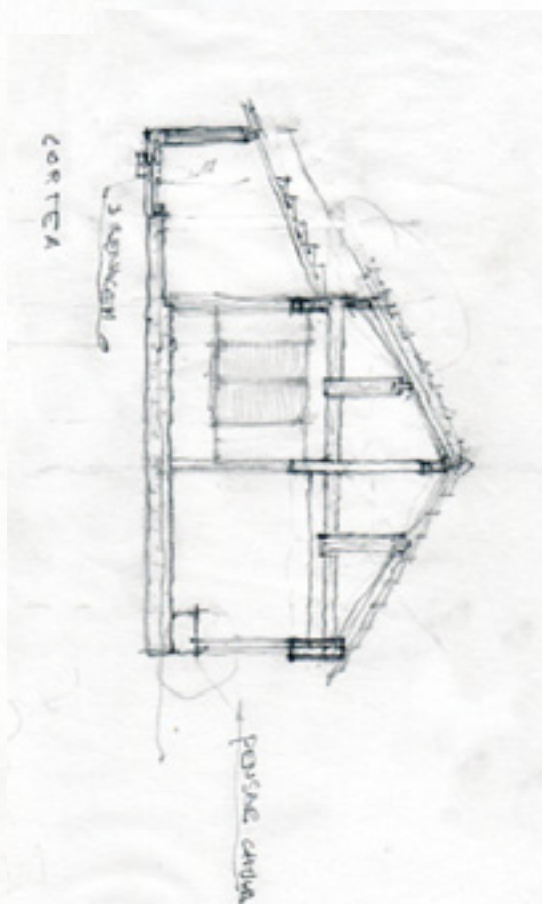
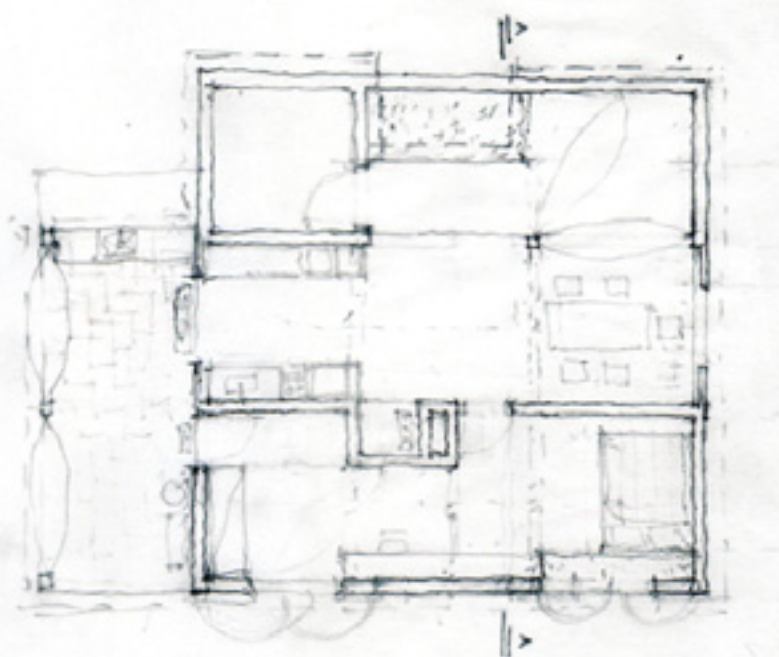
COMPARTIMENTAÇÃO (POSITIVISMO)
NÃO SE APLICA MUITO A ORGANIZAÇÃO
E HÁBITOS DO SÍTIO.

PLANTA
A:50

ESQUEMA DE TRANSIÇÃO
VIGA-TERÇA
S.E.



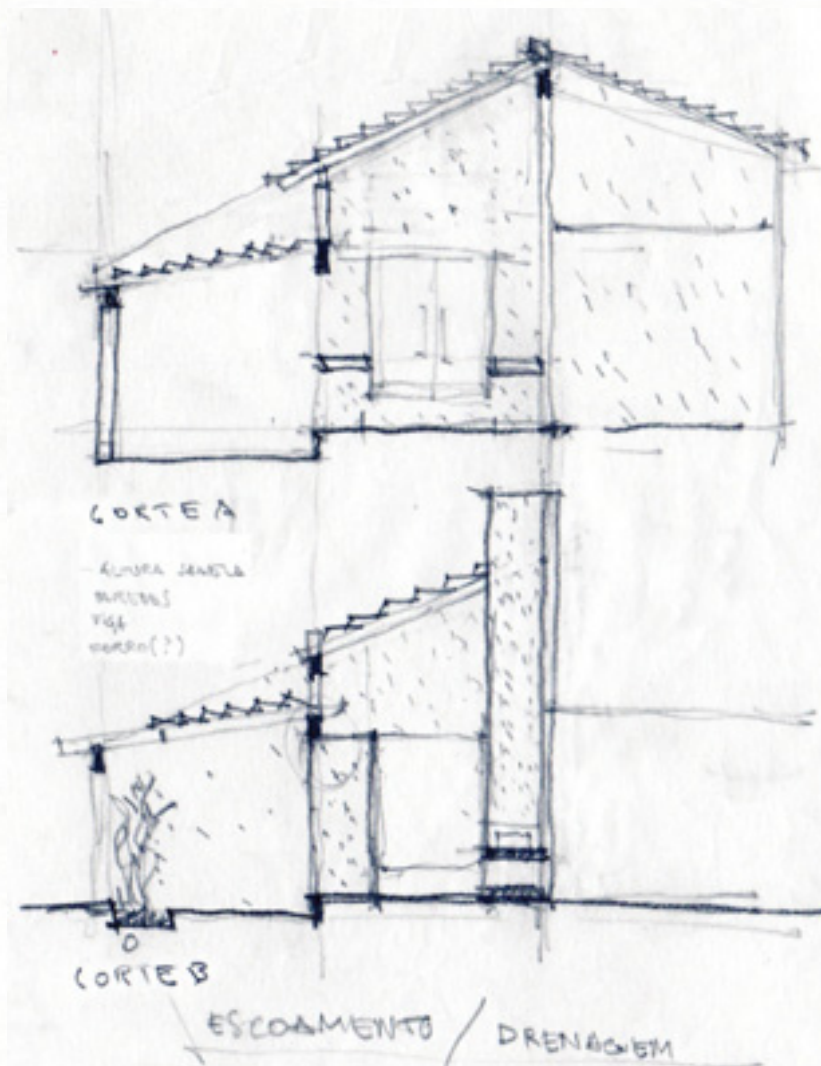
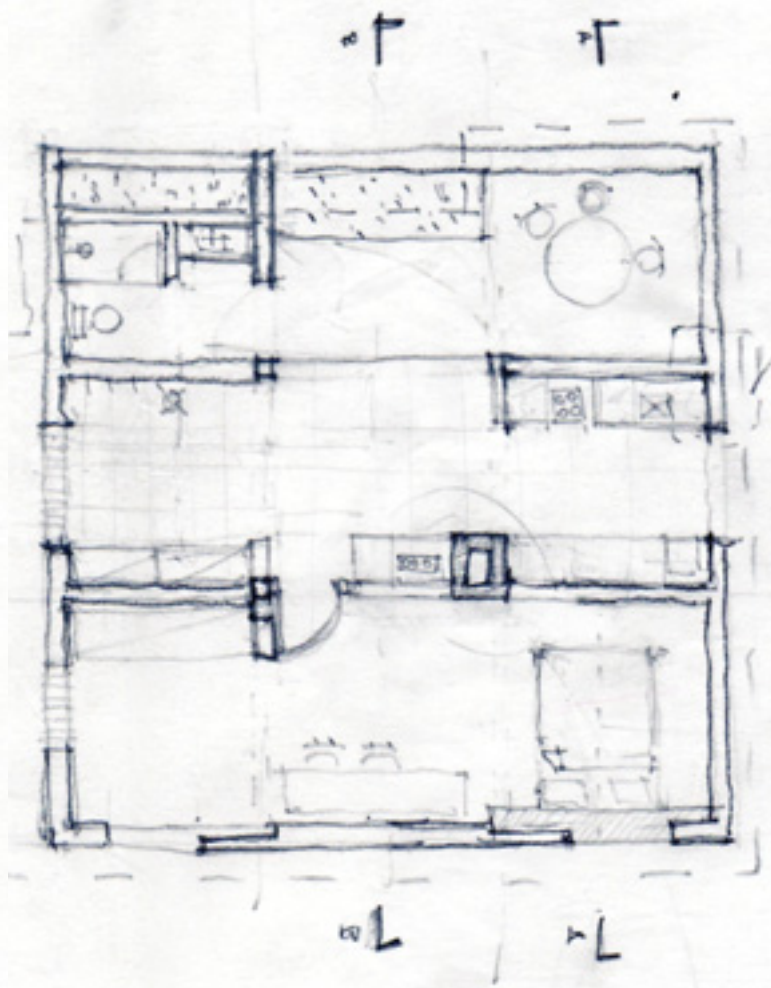
O QUE TEM IMEDIATAMENTE
NA ENTRADA DA CASA:
CORREDOR,
SALA DE ESTUDO,
CASA DE BANHO,
MANGUETO



Para sala foi mantida a solução de supressão das telhas sobre um jardim interno mas com a alteração da sua inclinação em relação à água adjacente - permitindo uma iluminação natural para a cozinha através de tijolos de vidro.

Por fim a abertura zenital se projeta até o banheiro e o jardim que na sala era na altura do chão aqui está a 1,10m do chão e conforma a abertura deste ambiente que deixou de se voltar para o sul e agora está do lado oeste.

Sobre o quarto foi pensado um forro de ripas de madeira a 2,50 m de altura para criar um ambiente mais acolhedor e ao mesmo tempo permitir que uma caixa d'água possa ser instalada neste local. Na cozinha seria usado o mesmo forro porém agora fixado nos caibros da cobertura. Na sala e banheiro as telhas permaneceriam aparentes.



04_CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão deste trabalho passa por vários pontos. Destes, o primeiro com certeza diz respeito ao processo de raciocínio projetual utilizado. A percepção do método se deu de forma gradual. No início do trabalho eu não tinha ideia de que iria projetar casas ou como se daria este projeto. Desta forma, apesar de ter realizado um intenso exercício pessoal, não posso deixar de fazer a autocrítica no sentido da qualidade dos produtos finais. As casas imaginadas, por exemplo, seriam muito melhor aproveitadas se desde a escolha dos edifícios a serem estudados eu já tivesse claro o ponto em que queria chegar com este trabalho; da mesma forma seria possível ter feito análises mais profundas sobre as casas vividas e, por fim, poderia ter finalizado melhor os ensaios apresentados.

Um segundo aspecto passa pela discussão da casa dentro do ensino de arquitetura na FAUUSP. Durante todo o trabalho me questioneei sobre a realização de um projeto de uma residência unifamiliar e ao apresentar o tema à outros estudantes da faculdade não era raro o estranhamento quanto à essa escolha. Julgo que esta reação está intimamente ligada à opção feita pelo curso de não se discutir este tipo de arquitetura dentro da grade curricular obrigatória da graduação. O assunto “habitação” é tratado sempre no viés coletivo - na questão do déficit habitacional, dos conjuntos residenciais, sejam eles verticais ou horizontais e a suas relações com a cidade; mas nunca os aspectos intrínsecos do habitar e seus desdobramentos dentro do espaço da casa.

Neste cenário me deparei repetidas vezes com o questionamento do quão centrado em mim mesmo estavam meus pensamentos uma vez que eu não só optei por estudar um tipo de arquitetura individual como também o fiz de forma completamente voltada para a minha percepção pessoal. Até que ponto este trabalho se aplica à outras pessoas? Ou até que ponto ele pode amparar minhas atividades como arquiteto?

Corona e Lemos definem no seu dicionário arquitetura como: “[...] ordenar plasticamente um espaço, em função de uma determinada época, meio, técnica e programa”. (1973, p.54).

Com base neste verbete eu poderia entender então que quanto maior o domínio destes aspectos maior será a capacidade de ordenação, ou o domínio sobre a arquitetura. E é exatamente este domínio que entendo estar exercitando através do meu trabalho.

Estevão Sabatier lembrou os diversos termos usados para se referir à habitação - sendo um deles advindo do grego *ethos*. (Contraste vol.2, p. 194). Isso vale dizer que há uma íntima relação entre a morada individual de uma pessoa, seus hábitos pessoais e a ética na qual ela se insere. Pensar nas mais diversas formas que a arquitetura de uma casa pode possibilitar um determinado comportamento passa necessariamente pela problematização do coletivo, do meio e da época no qual este se insere.

Assim entendo que de maneira alguma minha experiência se encerre neste caderno. Interpreto meu trabalho como uma tentativa de auto conhecimento na esperança de que assim eu consiga melhor traduzir os desejos, valores e hábitos de um eventual cliente em um projeto de arquitetura.

“O inferno não são os outros [...]. Eles são o paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal. A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão quanto pensam os peixes. Dura pelo engenho que tiver e perece como como um atributo indiferenciado do planeta. [...]

Aprender a solidão não é senão capacitarmos-nos do que representamos entre todos. Talvez não representemos nada, o que me parece impossível. Qualquer rasto que deixemos no eremitério é uma conversa com os homens que, cinco minutos ou cinco mil anos depois nos descubram a presença. Dificilmente se concebe um homem não motivado para deixar rasto e, desse modo, conversar. E se houver um eremita assim, casmurro, seguiro que terá pelo chão e pelo céu uma ideia de companhia, espiritualizando cada elemento como quem procura portas para cegar à conversa com deus. Estamos sempre a conversa com deus. A solidão não existe. É uma ficção das nossas cabeças.

Os homens sós percebem que há alguém na água, na pedra, no vento, no fogo. Há alguém na terra.”

-MÃE, Valter Hugo.

A Desumanização, São Paulo: Cosac Naify, 2014

05_BIBLIOGRAFIA

LIVROS

Ábalos, Iñaki - A boa vida : visita guiada às casas da modernidade
Bachelard, Gaston - A poética do espaço
Corona, Eduardo; Lemos, Carlos A. C. - Dicionário da arquitetura brasileira
Lemos, Carlos A. C. - História da Casa Brasileira
Lemos, Carlos A. C. - Casa Paulista
Jencks, Charles - Movimentos modernos em arquitetura
Maeleau-Ponty, Maurice - Fenomenologia da percepção
Moneo, Rafael - Inquietação teórica e estratégica projetual : na obra de oito arquitetos contemporâneos
Nelson Brissac Peixoto - Paisagens Urbanas
Saia, Luis - Morada Paulista
Zevi, Bruno - Saber ver a arquitetura
Zumthor, Peter - Atmosferas

TRABALHOS ACADÊMICOS

Bertoni, Maria Claret - Projeto de uma residência.
Gonçalves, Marly de Menezes - O desenho de arquitetura no tempo - estudo de caso : conteúdo gráfico de três arquitetos portugueses
Imbronito, Maria Isabel - Procedimento de projeto com base em retículas : estudo de casas de Eduardo de Almeida.
Krpa, Bhkta - Desenho, imaginário e percepção na arquitetura
Sombra, Daniel - De casa em casa a cidade

PUBLICAÇÕES

Contraste vol. 1
Contraste vol. 2
Contraste vol. 3

